

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

JUL/AGO 83



NÚMERO 4



1000
DIAS DE
COLHEITA



SUA IGREJA ESTÁ VIVA?

ÍNDICE

EDITORIAL

Método Evangelístico do Espírito Santo 3
Daniel Belvedere

ARTIGOS GERAIS

Isto Merece Toda a Prioridade! 4
W. B. Quigley

O PASTOR

Um Dia de Lamentação 7
Arnold Kurtz

A ESPOSA DO PASTOR

A Esposa do Pastor Vista por um Conselheiro 9
Charles E. Wittschiede e Norma Jean Sahlín

OBRA PASTORAL

Sua Igreja Está Viva? 11
Mark A. Finley

Estendendo a Nossas Crianças os Ensinos e as Práticas da Mordomia 14
Laura F. Roncarolo

Após o Funeral 16
J. Ralph McIntyre

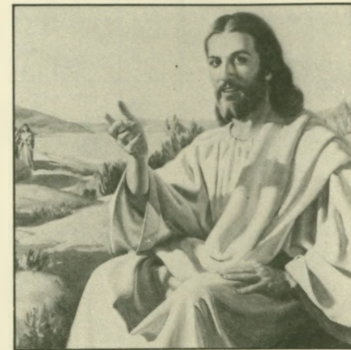
SAÚDE E RELIGIÃO

O Clube Coronariano 18
George W. Miller

TEOLOGIA

A salvação é uma Dádiva de Deus 19
William G. Johnsson

Criados à Imagem de Deus 22
Niels-Erik Andreassen



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 49 — Nº 4 JUL/AGO 83

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Alcides Campolongo
Severino Bezerra
Jefte de Carvalho

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista *O Ministério Adventista*, devem ser enviados para o seguinte endereço:
Caixa Postal 12-2600
70279 - Brasília, DF

Capa: Erla/Casa

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Direção de Arte:
Rogério Sorvillo
Vieira

Redator:
Naor G. Conrado

Colaborador Especial:
Daniel Belvedere
Colaboradores:
João Wolff
José C. Bessa

Diagramação:
César L. Pagani

Assinatura Anual:
Cr\$ 1.200,00

6215



Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira,
Av. Pereira Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo

Método Evangelístico do Espírito Santo

Daniel Belvedere

Muitas vezes temos dito que o livro dos Atos dos Apóstolos poderia ser chamado adequadamente de Livro dos Atos do Espírito Santo. Sem dúvida, há mais que retórica detrás dessa frase; pois, se houve uma época durante a qual a Igreja foi guiada pelo Espírito de Deus, certamente foi o período de que trata o apóstolo S. Lucas ao legar-nos o livro de Atos.

Por certo, não se conhece nenhum manual de métodos de evangelismo da Igreja desses dias; temos, porém, algumas declarações bíblicas bastante ilustrativas do método seguido durante essa época. Provavelmente podemos resumi-lo em quatro princípios básicos:

1. Pregação Diária¹

Não sei se o debateram, ou não; se fizeram uma análise para descobrir qual poderia ser o método mais conveniente; mas de uma coisa estou certo: eles agiram inteligentemente, por várias razões: quando se prega todas as noites é mais fácil lembrar a noite seguinte; o desejo de assistir é maior porque a motivação é mais recente (não olvidemos que assim procedem os autores de novelas e teleteatros); ao assistir à reunião é produzido um corte em relação aos programas televisionados; as pessoas têm menos tempo para ouvir a oposição; os primeiros ensinamentos ainda perduram na memória quando estiverem sendo recebidos os últimos enfoques doutrinários, o que facilita a assimilação global da doutrina. Além disso, num prazo relativamente curto (45 a 60 noites), um pastor distrital pode realizar uma série de penetração sem descuidar seu distrito.

2. Evangelismo Público

A mesma passagem de Atos que nos fala de reuniões diárias faz alusão ao evangelismo em lugares públicos. Este método conserva a atualidade tanto para evangelistas e pastores,² como também para presidentes de Associação.³ Nos lugares das Divisões Sul-Americana e Interamericana onde se realiza evangelismo público com uma metodologia adequada, o êxito está sendo cada vez mais notável.

3. Evangelismo Pessoal

É admirável o equilíbrio dos apóstolos e dos irmãos da Igreja cristã daqueles dias em seu método de evangelização. Acompanhavam esse evangelismo público de todos os dias com um trabalho de evangelismo pessoal. O próprio apóstolo Paulo, expressa-se desta maneira: "Jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa, e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa."⁴ Isto evidencia que esse era também o seu método.

Lamentavelmente, muitos de nossos obreiros estão deixando de lado estes aspectos importantes, embora a irmã White tenha dito: "De importância igual às conferências públicas especiais é o trabalho de casa em casa, nos lares do povo. Em cidades grandes há certas classes que não podem ser alcançadas pelas reuniões públicas. Essas têm de ser procuradas, como o pastor procura a ovelha perdida. Tem de ser envidado em seu favor, diligente esforço pessoal. Sendo negligenciado o trabalho pessoal, perdem-se muitas preciosas oportunidades que, se fossem aproveitadas, fariam avançar decididamente a obra."⁵

4. Batismos Frequentes

É interessante que, embora houvessem tido um gigantesco batismo como o de 3.000 almas no Pentecostes, não deixaram o resto das almas para serem batizadas no último batismo de fim de ano. Pelo contrário, batizavam todos os dias.⁶

Cumpre notar que a obra está se desenvolvendo mais onde há batismos mais frequentes. Por exemplo, recomendou-se o plano de ter pelo menos um batismo mensal por trimestre, que inclua cinco batismos especiais, a saber: Janeiro: batismo das primícias; abril: batismo de Semana Santa; junho: batismo dos feixes trazidos pelos leigos; setembro: batismo da primavera — jovens adventistas e frutos da Educação Cristã; e dezembro: Festival da Colheita, com batismo de fim de ano. Além disso, na Divisão Sul-Americana está sendo incentivado o plano de que, pelo menos, haja um batismo por semana em cada Associação.

Creio que há razões lógicas pelas quais, ao realizar batismos frequentes, se batiza maior quantidade de almas no ano. Cada vez que há uma cerimônia batismal dentro da moldura da vontade de Deus, o Espírito Santo desce assim como sucedeu por ocasião do batismo de Jesus.

Considerando que este método de trabalho foi desenvolvido na época em que mais visivelmente o Espírito Santo guiou a evangelização da Igreja, e considerando também que a obra será terminada mediante o poder do mesmo Espírito, acho que chegou a hora de aplicar em nossos dias esta metodologia, para honra e glória de Deus e para terminar a tarefa que nos foi confiada como igreja.

Referências 1. Atos 5:42. 2. *Evangelismo*, págs. 40 e 41. 3. *Idem*, págs. 69 e 70. 4. Atos 20:20. 5. *Serviço Cristão*, pág. 113. 6. Atos 2:47.

ISTO MERECE TODA A PRIORIDADE!

W. B. Quigley

Secretário Associado da Ass. Ministerial
e de Mordomia da Associação Geral

A Igreja de Jesus Cristo não é um fim em si mesma. Ela não existe para ficar rica ou popular, ou para funcionar só para seus membros. Nem mesmo existe para preservar sua própria existência, e, sim, para consumir-se em incansável sacrifício para que outros possam viver. Sua essência é o epitome do altruísmo, e quando o mundo encara o propósito da Igreja de outro modo, é causado grande dano à Causa de Cristo. A Igreja é a presença de Cristo no ministério ao mundo. Os cristãos são Suas mãos em serviço, Seus pés em missão, e Sua voz em misericórdia para com as pessoas do mundo. O que Jesus disse de Sua própria vida também é aplicável à Igreja: "Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto." S. João 12:24.

A liderança da Igreja de Deus reconhece no documento sobre os Mil Dias de Colheita que, nesta hora da noite do mundo, nós como um povo devemos dar "incontestável prioridade ao evangelismo". Conquanto a Igreja tenha tomado grandes decisões, em ocasiões passadas, acerca da necessidade de reavivamento e crescente intensidade de penetração que resgata, é emocionante que dirigentes solícitos, no documento do Concílio Anual de 1981, volveram mais uma vez o centro da atenção da Igreja para renovada prioridade ao evangelismo!

Há quatro razões muito especiais por que a Igreja deve dar inaudita prioridade ao evangelismo neste tempo.

1. A Igreja deve dar incontestável prioridade ao evangelismo porque sua existência não tem outra finalidade. Ellen White escreveu que a Igreja "foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo" (Atos dos Apóstolos, pág. 9), e que a obra dos pastores é "rogar, a homens e mulheres, da

parte de Cristo, que se reconciliem com Deus" (Obreiros Evangélicos, pág. 13). Deus confere à Igreja, tanto a seu ministério como aos membros, um trabalho que é inspirador e solene. II Coríntios 5:17-21 contém os elementos dessa obra essencial em forma abreviada.

"Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas." V. 17. O milagre do novo nascimento é a dádiva fundamental que a Igreja oferece ao mundo! Vida! Não vida comum, da maneira como a conhecemos, mas vida profunda, vida espiritual, com suas raízes em Deus. Vida eterna é o produto que oferecemos ao mundo! Isto constitui a mais valiosa coisa imaginável, e a Igreja é sua depositária! O mundo necessita mais disso do que de sua próxima refeição. Compete-nos conhecer seu poder, e sentir quão apropriada é a dádiva que oferecemos ao mundo!

"Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo." V. 19. Se procuramos uma definição de evangelismo, eis-la: "Deus em Cristo, reconciliando o mundo"! O processo reconciliador da parte de Deus, oriundo do milagre do Espírito, é o evangelismo! E a Igreja, oferecendo o que há de mais grandioso no mundo, está automaticamente fazendo evangelismo.

"E nos confiou a palavra da reconciliação." V. 19. Maravilha das Maravilhas! Deus nos deu um ministério a ser realizado em Seu favor — o maravilhoso serviço de transmitir aos outros o conhecimento dessa vida miraculosa! E a verdade realçada por essa passagem é que essa incumbência divina não é só para o clero, e, sim, para os cristãos! O evangelismo é o dom de participação com Deus a todos os componentes da casa do Senhor!

"De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo." V. 20. Co-



O mundo procura avidamente alguma coisa que possa lenificar seus anseios de alma. Nós temos mais do que isso. Possuímos a solução total e definitiva — Cristo.

Arq./Casa

mo se finalmente fosse atingido o auge de uma excitação progressiva, vemos aí uma investidura do cristão numa autoridade equivalente ao cargo de embaixador! Há algum ministro que não sentiu essa autoridade? E algum cristão esclarecido que também não a tenha experimentado? Mesmo que apenas sejamos "carregadores de água" para Deus, há um portfólio de autoridade para o ganhador de almas que supera qualquer investidura pelo maior governo terrestre ou pelo monarca mais poderoso. Não admira que os magnatas das riquezas, os potentados do mundo e pessoas muito prósperas amiúde se detêm para tornar a descobrir suas próprias raízes espirituais quando um ponderado homem de Deus se dirige a eles com a autoridade do evangelho! Talvez Jesus pensasse nisso ao dizer: "O que ligares na Terra, terá sido ligado nos Céus; e o que desligares na Terra, terá sido desligado nos Céus." S. Mat. 16:19.

Note como a palpação dessa autoridade pode ser sentida nos grandes episódios dos encontros evangelísticos relatados no Novo Testamento — Cristo e Nicodemos (S. João 3); a mulher junto ao poço de Jacó (S. João 4); o derramamento da bênção pentecostal (Atos 1 e 2); Filipe e o tesoureiro etíope (Atos 8); a conversão de Saulo na estrada de Damasco (Atos 9); Pedro e Cornélio (Atos 10); e Paulo e o carcereiro de Filipos (Atos 16).

Toda reconciliação do coração pecaminoso é efetuada, não por mãos humanas, mas pelo Espírito de Deus. O Pastor H. M. S. Richards declarou certa vez: "Nenhuma pessoa pode ir ter com Cristo, a não ser e até que Deus a chame." Embora a autoridade seja conferida ao homem, ela é dirigida pelo Espírito Santo. O Espírito dirige todo o testemunho cristão. Portanto não devemos traçar nossos próprios planos evangelísticos! Como não podemos programar o novo nascimento, também não podemos programar o evangelismo. Como podemos saber quando determinada localidade está pronta para uma invasão do Espírito Santo da maneira requerida para que haja experiências de conversão e novo nascimento? Na realidade, isso não é possível, a menos que busquemos tal sabedoria em oração, e nos seja concedido esse dom. Em nenhum outro empreendimento terrestre a direção do Espírito Santo é mais necessária do que em nossas tentativas de evangelização.

"Aquele [Cristo] que não conheceu pecado, Ele [Deus] O fez peca-



Em nossas abordagens evangelísticas individuais, podemos transmitir a mensagem com a mesma autoridade conferida por Deus a Jesus. Basta que sigamos os planos divinos do mesmo modo como Ele o fez.

Arq./Casa

do por nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus." V. 21. Isto constitui o âmago do evangelho! A única base bem sucedida para o evangelismo é a pregação e o ensino da expiação sacrificial e da soberania de Jesus Cristo no engaste da verdade presente. A reconciliação da vida pecaminosa com Cristo precisa ser efetuada numa base aceitável para Deus. Portanto, o evangelismo precisa lidar com essa questão. A questão do pecado é enfrentada na arena do sacrifício pelo pecado designado por Deus — "o Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo". A salvação ocorre na vida quando Cristo é contemplado e aceito, e quando a pessoa se entrega a Ele. Quando Cristo é encontrado, e a âncora da vida passa a ser a esperança da vida eterna, o evangelismo cinge essa experiência com as doutrinas da Bíblia e da Igreja — conceitos de verdade que possibilitam que o "bebê recém-nascido" cresça na graça. E assim é erigida uma supe-

reestrutura espiritual sobre aquele fundamento "que foi posto, o qual é Jesus Cristo" (I Cor. 3:11).

A Igreja, portanto, deve dar ao evangelismo uma prioridade sem precedente, pela mesma razão que as pessoas vivas precisam dar prioridade à respiração! Não podemos viver sem respirar; e a Igreja não pode viver sem o evangelismo! O grau em que a vida de um cristão, o ministério de um pastor, o programa de uma igreja ou a filosofia da liderança de uma associação se tornam confusos no tocante à importância do evangelismo, é o grau em que meramente podem estar marcando passo nalguma boa atividade, e, à luz do plano da redenção, ser completamente mornos! Será que isso é laodiceanismo?

2. A Igreja deve dar incontestável prioridade ao evangelismo a fim de ser semelhante a Cristo. O cristão não pode ser cristão sem ser semelhante a Cristo; e ser semelhante a Cristo significa ser impelido pessoalmente a atingir outra vida com

o milagre da redenção, pois a mais evidente característica de Cristo era Seu amor pelas almas: "Jesus... compadeceu-Se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor." S. Mar. 6:34.

O cristão que entra e sai, participando da vida da igreja, mas nunca sentindo a irresistível emoção do "vai e anuncia", será finalmente obrigado a atracar-se com esse paradoxo basilar. Se o reavivamento se apoderar de sua alma com a presença e o poder do Espírito, seu esforço para ganhar almas será o primeiro aspecto de seu caráter e personalidade a demonstrá-lo. Os verdadeiros cristãos não podem absolutamente deixar de empenhar-se na obra da redenção!

3. *A Igreja deve dar incontestável prioridade a seu ministério reconciliador porque ele é o segredo de seu bem-estar e prosperidade.* O evangelismo não custa; ele paga. Isto é verdade mesmo sob o aspecto financeiro. Em geral, o afluxo de dinheiro da Igreja provém dos resultados do evangelismo. A evangelização bem sucedida provê abundante dinheiro como um dos frutos da fidelidade.

Alguns têm cometido o erro de encarar a Igreja como a fonte do evangelismo, dizendo ser ele uma função da Igreja. Isto é um engano fatal. Se fosse verdade, a Igreja poderia manipular o evangelismo sem prejudicar a si mesma. Biblicamente, o componente terrestre do plano da redenção é o evangelismo, não a Igreja! Um banco pode ser o depositário da fortuna de um Estado, mas jamais é seu proprietário ou criador. A Igreja é a depositária do evangelismo, mas o evangelismo existia antes que houvesse uma igreja. Ele tem demonstrado sua capacidade para viver sem a Igreja; mas a Igreja não pode viver sem o evangelismo. Se a Igreja morrer, o evangelismo ainda continuará vivendo. Se o evangelismo morrer, a Igreja também morrerá!

O evangelismo merece ter prioridade sobre todas as outras questões na Igreja. Historicamente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia especializou-se tanto em sua missão que as argumentações teológicas do mundo religioso ao seu redor jamais afetaram sua unidade. Esteve sempre demasiado ocupada e preocupada com sua missão para perder tempo em teorias controversas e de pouco valor. A Igreja sempre tem voltado a atenção para as crises. Os verdadeiros cristãos julgam estar empenhados numa grande peleja — numa grande emergência. A Igreja não deve permitir, portanto, que suas prioridades e



sua obra sejam decididas por este ou aquele significado que uma palavra obscura tenha em determinado texto, e, sim, pelo fato de que pessoas estão se perdendo no desespero da noite de pecado deste mundo. Os cristãos que sentiram a importância do poder que transforma a vida não podem ser atraídos por abstratas suposições teológicas a respeito de certas coisas que Deus preferiu não revelar claramente, uma vez por todas. Embora vejamos "como em espelho, obscuramente", o cristão desenvolve a paciência pelo exercício diário de sua fé. O valor prioritário do evangelismo é evidenciado quando uma prostituta, um toxicômano, um jovem que pensa em suicidar-se ou um pecador enfatado e respeitável é dominado pelo poder redentor e se transforma num santo cheio de reverência e fé!

4. *Devemos dar prioridade ao evangelismo porque o Espírito Santo é enviado para ativar a Igreja nalguma coisa especial — a procura de pessoas perdidas.* O Espírito foi dado no Pentecostes por motivos evangelísticos, e é muito improvável que a Igreja receba novamente a plenitude e o poder do Espírito, a não ser para sua importantíssima obra de evangelização. Quando a Igreja dá toda a prioridade ao evangelismo, nós nos colocamos na única posição na qual estaremos em condições de reivindicar a promessa de um segundo Pentecostes. Esta experiência não devia ter ocorrido há muito tempo?

Nunca esquecerei a ocasião em que registrei minha entrada num motel nos arrabaldes de Washington, D.C., e fui a um shopping center a fim de comprar algumas coisas que estava precisando. Quando saí de meu automóvel, fui interpelado por um jovem budista. De maneira cortês, ele disse: "Senhor, quero convidá-lo para assistir a uma reunião, hoje à noite, sobre o assunto do Budismo Nichiren Shoshu." Enquanto falava, entregou-me diversos folhetos e discorreu sobre os milagres do budismo e sobre as nu-

merosas pessoas que encontraram uma nova vida por intermédio dessa filosofia.

Como bom cristão, também comeci a testemunhar. Eu conhecia o suficiente a respeito de algumas de suas crenças para compará-las com a "verdade" e dar testemunho de meu Salvador. Dentro em pouco eu estava rodeado por onze desses jovens, todos estudantes na Universidade de Marilândia. Quando parecia que o primeiro jovem estava entregando os pontos, fui interpelado por um rapaz muito zeloso, que obviamente era o líder. Ele chegou bem perto de mim, lançou-me um olhar penetrante e falou com grande fervor: "Senhor, desejo contar-lhe o que aconteceu comigo! Eu era um toxicômano incorrigível. Estava muito doente por causa desse vício, e dormia dezoito horas por dia. As seis horas restantes eram passadas roubando a fim de manter meu hábito. Pretendia suicidar-me, quando estes amigos do Budismo Nichiren Shoshu me encontraram. Ensinaram-me a cantar, deram-me esperança, e em breve eu estava livre e levando uma nova vida." Seus gestos e seu olhar denotavam vitória, e não pude deixar de ficar impressionado.

O encontro logo terminou. Mas quando saí da área de estacionamento, parei num semáforo na pista à direita de uma rua com três pistas. Bem à esquerda, um carro pequeno parou também, e notei que pertencia a um daqueles jovens. Entre nós deteve-se uma caminhonete. Enquanto a luz era vermelha, o jovem budista fez um sinal com a mão para que o motorista do veículo ao lado baixasse o vidro, e ele o fez. O rapaz entregou-lhe um pacote de literatura, e o motorista agradeceu. Nesse momento a luz tornou-se verde. Os três carros partiram, e provavelmente nunca tornarão a encontrar-se. Mas eu segui adiante, com admiração. Esses jovens me haviam declarado que nos arrabaldes de Washington, aquela noite, seriam realizadas trinta reuniões, em apartamentos e casas. De doze a cinquenta pessoas assistiram a cada uma dessas reuniões, sentando-se no soalho para ouvir a preleção e debater esses assuntos religiosos. Pensei comigo mesmo: "Na região de Washington há uns onze mil adventistas. Será que alguns de nós estamos efetuando tal espécie de trabalho evangelístico? Se não, por que não?"

Lembrei-me do versículo da Escritura que diz: "Os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz." S. Luc. 16:8. ■■

UM DIA DE LAMENTAÇÃO

Arnold Kurtz

*Professor de Liderança e Administração
de Igreja no Seminário Teológico da
Universidade Andrews*

O ministério é inevitavelmente uma série de penosas decisões, amiúde sob a forma de escolhas entre o bem da igreja institucional e a necessidade ou o conforto do indivíduo. Além disso, tais escolhas são freqüentemente a variedade menos atraente entre o menor de dois males. Comissões de igreja, mesas administrativas de associações e concílios denominacionais tomam numerosas decisões, mês após mês, e ano após ano, que afetam profundamente a vida de muitas pessoas e que ocasionam ruptura e dor. Membros são disciplinados, excluídos da comunhão da igreja ou dispensados de seus cargos. Pastores são removidos de seus pastorados; professores são destituídos de suas posições.

Jim Kok, capelão no Pine Rest Christian Hospital, sugeriu que a Igreja estabeleça um Dia Anual de Lamentação — não apenas lamentação generalizada, mas lamentação específica da Igreja pelo sofrimento, dor e pesar infligidos a seus membros por suas decisões. Ele escreve: "Seria um dia em que enfrentaríamos a verdade sobre nós mesmos e sentiríamos tristeza pela maneira como magoamos pessoas — em nome de Cristo, e porque talvez cometemos algum erro ao tomar decisões que afetaram a vida das pessoas."¹

Kok reforça seu apelo para essa manifestação de pesar citando um exemplo: "Recentemente uma escola dispensou os serviços de uma jovem professora porque ela se divorciou do marido. Essa decisão foi devastadora para a professora e muito desconcertante para os seus alunos. Ninguém jamais saberá as conseqüências duradouras, para melhor ou para pior, em suas vidas.

Disseram-me que a destituição foi efetuada em consideração aos alunos. Parece que a convicção era que aceitar uma pessoa divorciada como professora constitui um modelo negativo para as crianças e, suponho, é considerado um incentivo ao divórcio.

Não sei quais eram os sentimentos dos que tomaram essa decisão ou a atitude relacionada com ela. No entanto, tenho algumas convicções acerca do que deveriam ter sido. Procuremos expressá-las em forma de oração:

"Senhor, acabamos de decidir o perpétuo afastamento de uma senhora de sua sala de aula e de seus alunos porque ela é divorciada. Condoemo-nos dela ao fazer isso. Sentimos profunda tristeza por seus alunos que sentirão falta dela. Estamos pesarosos porque seus colegas também sentirão falta dessa pessoa. Cremos que foi uma medida correta e que Tu nos conduziste a essa decisão. Desejamos fazer o que é correto para a comunidade cristã, para a escola e para a vida das crianças. Mas não podemos fazê-lo sem magoar pessoas. Talvez alguns até sejam desviados de Ti por causa disso. A professora cujos serviços estamos dispensando ficará profundamente prejudicada numa ocasião em que necessita de amparo e animação da comunidade cristã. Ó Senhor, lamentamos encontrar-nos nesta situação: ter de magoar pessoas e até dar motivo para duvidarem de Ti. Cremos, porém, que agimos corretamente. Contudo, Senhor, nos recessos de nosso coração há também o obsedante receio de que podemos estar errados. Da maneira como compreendemos as coisas, achamos que não. Mas podemos estar enganados. E implora-

mos o Teu perdão se, devido às limitações de nossa condição humana, nós nos equivocamos. Aceita nossos esforços, Senhor. Apresentamos hesitantemente nossa decisão e a defendemos. Cura, conforta e ampara aqueles aos quais magoamos ao fazer o que acreditamos ser Tua vontade. Fortalece-nos e anima-nos ao ter de realizar este ato tão desagradável. Amém!"²

Mesmo que pudéssemos saber ao certo que nossas decisões estavam objetivamente corretas, não deveríamos lamentar a dor e a ruptura que elas ocasionam na vida dos outros?

O ministério requer profundo envolvimento humano. A dor desse envolvimento pode ser esmagadora, e é apropriado que o pastor tenha alguma solação, não somente para seu próprio bem, mas para o bem daqueles aos quais ele ministra. Dois conceitos, aplicados pragmaticamente, podem ajudar a prover a espécie de objetividade necessária: 1) o conceito da Igreja como instituição humana sob a direção de Deus, e 2) o conceito do ministério como profissão dentro dessa instituição.

Em primeiro lugar, embora reconheçamos a singularidade da Igreja como organismo espiritual, o corpo de Cristo, não devemos negar seu aspecto humano como organização, como "entidade sociológica que tem cultos, comissões, grupos de senhoras, organizações de homens, programas educacionais, grupos de jovens, e problemas".³ Como sociedade humana, a Igreja deve determinar seu plano de ação e ter o necessário poder social para agir à luz de suas decisões. Neste sentido a Igreja é política, manifestando "os padrões de relações e ação por meio dos quais é determinada a maneira de proceder e exercido o poder social".⁴ Toda organização humana contém elementos políticos, e a Igreja não é uma exceção. Através de uma variedade de meios, nomeamos, escolhemos, elegemos, controlamos decisões e exercemos influência. Sugerir que a vida da Igreja tem elementos políticos não significa que ela é má e deve ser evitada. Ser humano significa ser político. Mas, como cristãos, sensíveis à fragilidade de nossa situação humana, aceitamos este aspecto de nossa existência como estando sempre sob o juízo de Deus.

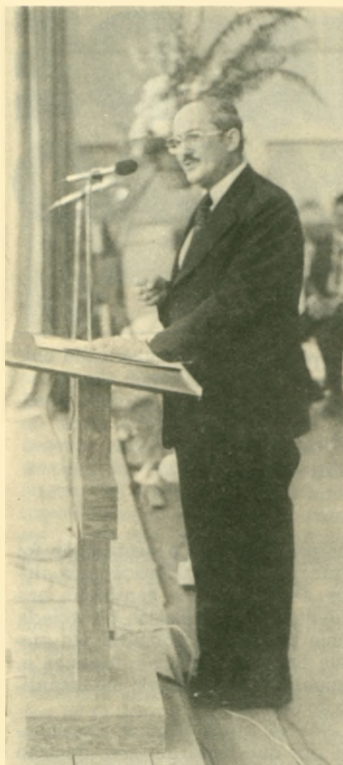
Esse conceito serve de base para o segundo: o do pastor como profissional e seu chamado para o cargo ministerial como o chamado para uma profissão. Tais escritores co-

mo Tiago Glasse⁵ e Davi C. Jacobsen⁶ desenvolveram minuciosamente essa interpretação. De modo especial, Jacobsen mostra seu valor para as decisões tomadas na igreja. As profissões clássicas, como o Direito e a Medicina, diz ele, encerram implícita profissão de fé numa pessoa ou conceito. O médico professa sua fé na arte de curar e nos instrumentos e métodos dessa profissão. Assim também, o advogado, do ponto de vista profissional, professa fé no Estado e em seu sistema de leis. Ele precisa ter fé nos juizes e nos tribunais, e, com certas limitações, fé em seus colegas de trabalho.

O ministro do evangelho também é um profissional. De acordo com Jacobsen, em primeiro lugar pode-se dizer que sua profissão de fé está voltada para Deus. Mas, como pastor ordenado, ele também professa fé na Igreja visível. Reiteradas vezes, em seu papel de liderança, requer-se que ele expresse sua fé no corpo visível, a Igreja, como instituição humana sob a direção de Deus. Há ocasiões em que o crescimento e a estabilidade da Igreja como instituição humana é a principal responsabilidade profissional do dirigente de igreja.

Naturalmente, como pessoa, o pastor é convidado a mais profunda lealdade — a colocar sua fé unicamente em Deus, mas como profissional dentro do corpo visível ele é convidado a ter fé nesse corpo visível. Isto não significa que ele não tenha restrições quanto a sua estrutura ou eficiência atuais, mas não duvida de que ela deve existir. E labutará em prol de seu constante progresso. "Não pode ser cínico e criticar arrogantemente essa igreja e ainda continuar sendo um profissional."⁷

Este conceito do ministério como profissão entre outras profissões pode tanto "produzir liberdade como ansiedade" em face de decisões difíceis. Produzirá ansiedade quando o crescimento e a estabilidade da instituição parecem ser alcançados à custa de valores humanos. Em considerações à maioria, terão de ser feitas algumas escolhas em detrimento do indivíduo. Se um pastor ou um dirigente denominacional sabe que aqueles que estão sob os seus cuidados não são suficientemente amadurecidos ou são "incapazes de absorver o impacto de uma decisão que radicalmente é demasiado amorosa para com uma pessoa",⁸ ele pode decidir o que for para o bem da instituição. Como profissional comprometido com a instituição visível, ele deve ser ca-



Arq. Casa

Há ocasiões em que o crescimento e a estabilidade da Igreja como instituição humana é a principal responsabilidade profissional do dirigente de igreja.

paz de fazê-lo com "calculada e cultivada calma", em vez de sucumbir sob o peso da aflição. Mas, isso de o pastor tomar todas as decisões indiscriminadamente em atenção à maioria, seria abandonar sua responsabilidade pastoral.

Jacobsen nos traz à memória que de todos os dilemas enfrentados pelo pastor, esse é o mais difícil. Ilustração: O valioso auxiliar de um pastor ofendeu a neurótica esposa do primeiro ancião. Todas as tentativas de reconciliação falharam. O pastor e sua igreja terão de tomar a decisão de desgostar a uma família de ampla influência ou perder os serviços de muito apreciado e apoiado membro do quadro de auxiliares. Qualquer que seja a escolha, o pastor não poderá evitar a decisão nem o dano resultante. Co-

mo profissional, ele compreende que a igreja deve reagir, como o corpo de Cristo, com amor por todas as partes envolvidas. Ele reconhece que ela é também uma instituição humana que talvez não reaja com amor, mas de modo ofensivo e procurando preservar sua própria existência.

Se, após cuidadoso estudo, ele chegar à conclusão de que os benefícios e os encargos propendem a favor de uma decisão voltada para a maioria, deve apoiar essa decisão, embora seja penosa. Jacobsen afirma: "O pastor é chamado para uma tarefa que é essencial à instituição. Ele é chamado para ser um profissional competente, e não um perfeccionista sentimental. Deve ser sensível à necessidade e à dinâmica grupal que fere o corpo visível, em detrimento de alguns. Mas a sensibilidade não deve paralisá-lo."⁹

De um modo ou outro, com ou sem o pastor, são tomadas decisões penosas, que muitas vezes ferem e magoam as pessoas envolvidas. Embora sejam tomadas com cuidado e oração, essas decisões devem ser acompanhadas de um senso de tristeza e humildade. Sempre devemos estar inteirados de nossa visão restrita, de nossas percepções deturpadas, e de nossas parcialidades, preconceitos e enganos pessoais.

Um Dia Anual de Lamentação na Igreja! Um Dia de Lamentação por causa das decisões que somos compelidos a tomar! Teria de ser um dia em que puséssemos de lado nossos argumentos, nossas razões e nossas racionalizações. Seria um dia de reconhecermos a nua e crua verdade de que a despeito de fervorosas orações e cuidadosa consideração, "em nossa fraqueza e mortalidade, em nosso caráter finito e em nossas limitações como seres humanos, sabemos que magoamos, prejudicamos e até desencaminhamos pessoas ao fazer o que julgávamos ser correto, imparcial, justo e fiel"¹⁰ à vontade de Deus. ❏

Bibliografia

1. Jim Kok, *The Chaplains Newsletter*, vol. 12, n.º 2, Pine Rest Christian Hospital, Grand Rapids, Michigan.
2. *Ibidem*.
3. Robert Worley, *Change in the Church: A Source of Hope* (Philadelphia: Westminster Press, 1971), pág. 15.
4. James Gustafson, *Treasure in Earthen Vessels* (Nova Iorque: Harper and Row Publishers, 1961), pág. 100.
5. James Glasse, *Profession: Minister* (Nashville, Tenn.: Abingdon Press, 1968).
6. David C. Jacobsen, *The Positive Use of the Minister's Role* (Philadelphia: The Westminster Press, 1967).
7. Jacobsen, *op. cit.*, pág. 23.
8. *Idem*, pág. 24.
9. *Idem*, pág. 25.
10. Jim Kok, *op. cit.*, pág. 2.

A ESPOSA DO PASTOR VISTA POR UM CONSELHEIRO



Enio/Casa

Sahlin: O senhor declarou que as esposas de pastores em primeiro lugar devem ser mulheres, e em segundo lugar, esposas de pastores. O que quer dizer com isso?

Wittschiebe: Uma jovem senhora muitas vezes forma um quadro em sua mente do que deve ser uma esposa de pastor: uma espécie de estereótipo, quase uma imagem plástica. Se ela se esforçar bastante para tornar-se tal espécie de mulher, talvez venha a perder uma parcela de sua humanidade, de sua naturalidade, de sua espontaneidade. Deve ser, em primeiro lugar, ela mesma, em amor com Deus e seu marido, expressando isto calorosamente e com profundo sentimento. Então lhe será fácil adquirir as amorosas qualidades de uma esposa de pastor em relação às pessoas.

Sahlin: Poderia explicar isto um pouco melhor?

Wittschiebe: Se um pastor se aproxima de sua esposa junto à pia da cozinha e a acaricia, ele não lhe diz: "Oh! Estou muito contente por estar com minha obreira predileta!" Ele a requisita como mulher, fazendo-a sentir-se desejável. Talvez ela diga: "Oh! Pare com isso!" Mas não estará falando sério.

Um dos mais eminentes pastores denominacionais disse-me: "Sabe o que faço às vezes, Charlie? Telefono do escritório para minha esposa e pergunto: 'Seu marido está em casa?' Ela responde: 'Não.' Portanto eu digo: 'Estarei aí dentro de alguns instantes!'" Gosto da reação que isto ocasiona. A mesma conversação seria muito censurável num contexto diferente, mas ele a usa de um modo muito deleitoso. É isto que eu quero dizer quanto a manter a vivacidade da relação entre um homem e uma mulher.

Sahlin: Para as famílias dos pastores há uma forma estereotipada e "formalista" do pastor e sua espo-

sa. Tem-se de dar uma impressão "decorosa" e isso se infiltra na vida amorosa.

Wittschiebe: "Formalista" é uma palavra apropriada. Mas aquilo sobre que você está falando é quase uma imagem pudica e docemente "beata" — sem ardor, sem profundidade, sem paixão, sem vivacidade.

Sahlin: Portanto é correto flertar com o cônjuge?

Wittschiebe: Acho que é necessário. Ao ler Cantares de Salomão, tenho a impressão de que aqueles dois não se cumprimentavam um ao outro com as palavras: "Oh! você está aqui agora." Ela vai à porta, com as mãos gotejando mirra, e está disposta a passar momentos muito agradáveis com ele.

Sahlin: Voltemos à questão de a esposa do pastor ser o que ela é. Isso abrange sua própria carreira, à parte do ministério de seu marido?

Wittschiebe: Este é um aspecto que nós, como denominação, não temos explorado suficientemente nem definido muito bem. Costumávamos ter a tradição de que a esposa do pastor ficava em casa, criava os filhos, era um modelo na comunidade, e sempre dispunha de tempo adicional para ajudar as pessoas porque não estava trabalhando. Hoje, numerosas esposas de pastores trabalham fora de casa. São secretárias, dietistas e enfermeiras. Se achamos que a esposa do pastor pode trabalhar, sem prejudicar o trabalho de seu marido — então certamente uma mulher tem todo o direito de encontrar realização numa carreira.

Sahlin: Em sua atividade como conselheiro, o senhor tem encontrado "viúvas de igreja" — mulheres cujos maridos consideram mais importante disseminar o evangelho do que ficar em casa e zelar do casamento?

Wittschiebe: A esposa do pastor com frequência tende a ser uma "viúva de igreja", e os filhos, "órfãos". Às vezes, os homens são diligentes no trabalho da igreja porque preferem fazer isso a estar em casa. Isto lhes proporciona uma desculpa plausível para estarem ausentes. Se um indivíduo participa cada noite de um "esforço" evangelístico, ele é um grande homem. Todos dizem: "Como o irmão Jones é admirável!" Mas pode ser que ele esteja fazendo isso porque não quer estar em casa. Talvez não lhe seja agradável estar ao lado da esposa, e assim ele arruma um pretexto para ausentar-se.

Sahlin: É bastante difícil aduzir razões quanto ao tempo passado com a família quando o marido e pai sempre está dizendo: "Estou salvando almas."

Wittschiebe: É penoso lutar contra Deus, de modo que o homem se torna piedoso. Outro exemplo é o da mulher que afirma que não pode ter mais de uma relação sexual de dois em dois meses, porque seu marido é irreligioso e não realiza o ato conjugal com motivos puros e santos. Ele fica muito irado. Como você sabe, isso não é justo nem sensato. É deveras penoso combater uma pessoa ou uma idéia; mas, que diríamos de colocar-se em oposição a Deus? Isso é blasfemo e sacrílego, e quem quer fazer semelhante coisa?

Sahlin: Isso parece ser insuperável. Como o senhor ajuda os casais a lidarem com essa questão?

Wittschiebe: Saliento que a religião, nesses casos, está sendo usada como anteparo, subterfúgio e tática para rebaixar a outra pessoa. Procuro descobrir as emoções que conduzem a essa espécie de ataque, e então, por assim dizer, eu as abro e extraio o pus. É preciso encontrar o motivo por que a pessoa age dessa maneira.

Sahlín: O que o senhor diz sobre o aconselhamento matrimonial para os pastores e suas esposas? O que um casal deve fazer quando reconhece que há um problema em seu casamento que eles não conseguem resolver?

Wittschiebe: Temos ido demasiadamente longe na suposição de que o pastor está acima dos outros homens, de que ele está acima dessas fraquezas humanas, de que é um modelo e exemplo. Na realidade, ele é um homem com debilidades e defeitos, e leva para o seu casamento todos os problemas de sua juventude. Imaginemos que um pastor tenha tido um péssimo relacionamento com sua mãe ou com seu pai, e é emocionalmente desequilibrado. Ele introduz tudo isso no casamento e não consegue expressar amor e/ou ira da devida maneira. Ou suponhamos que a esposa tenha tido uma idéia horrível a respeito do sexo, e que a leve para o seu casamento. Certamente precisam de aconselhamento. Ele será mais eficiente em seu trabalho de curar almas depois que sua própria alma tenha sido curada. Aconselho uma porção de pastores e suas esposas — confidencialmente, é claro. Isso ajuda esses casais porque contribui para fortalecê-los. Não significa que sou maravilhoso, e, sim, que eles me procuram, como pastor mais idoso, para obter alguns conselhos. Desencilham-se daquilo que os aflige, sentem-se melhor e então se põem a labutar em favor dos outros. Não devemos supor que todos os pastores ou todas as esposas de pastores desfrutam perfeita saúde emocional, pois não é assim. O casamento sofre na mesma proporção. Um homem pode ter, como dissemos anteriormente, premente necessidade de realizar o máximo para o Senhor e de nunca demorar-se em casa. Isto é bom num sentido, mas de maneira exagerada. Sua esposa fica ressentida com ele porque aquilo toma todo o seu tempo. Ofende-se com as mulheres que solicitam a ajuda do pastor. Seus filhos se ressentem do fato de não terem um pai. E a primeira coisa que ficamos sabendo, depois de uns quinze anos, é que aquele lar se encontra em dificuldades; talvez a esposa até se envolva com outro homem. Isso acontece. Poderia ter sido evitado pelo devido aconselhamento, muito tempo antes.

Sahlín: Como podemos encontrar um conselheiro?

Wittschiebe: Infelizmente, em nossa própria Igreja não dispomos de suficiente número de conselheiros competentes aos quais nossos

pastores possam recorrer porque, até recentemente, tínhamos péssimo conceito da psicologia. Olvidamos que a psicologia, o estudo da mente e das emoções, é boa em seu devido lugar. As Escrituras se acham repletas de princípios psicológicos.

Sahlín: O senhor passou bastante tempo ensinando os pastores a serem conselheiros. Se uma esposa se interessasse em receber esse preparo, o senhor acha que seria proveitoso ter uma equipe de conselheiros composta do marido e da esposa?

Wittschiebe: Eu pessoalmente não me interesso numa equipe de aconselhamento. Creio ser melhor que ambos estejam preparados para fazê-lo, então a esposa pode aconselhar as mulheres e, ocasionalmente, um homem. Às vezes poderão trabalhar juntos, como uma equipe, mas não acho que seja necessário.

Sei que há várias mulheres que amam as pessoas e que se tornariam excelentes conselheiras se fossem adestradas nas idéias e técnicas fundamentais, e assim por diante. O pastor muitas vezes poderia recomendar que as senhoras as consultassem. Um pouco de conhecimento da mente e da personalidade seria muito útil. Estamos negligenciando as mulheres. Elas podem tornar-se grandes conselheiras. Muitas realizam excelente trabalho sem qualquer preparo. Elas sabem ouvir e ajudar.

Sahlín: Segundo sua opinião, qual é o papel do pastor na educação de seus filhos?

Wittschiebe: Você sabe a resposta! Ele tem a responsabilidade de ser um pai para seus filhos. Penso que um homem deve reservar algum tempo cada semana para estar com sua família. Cumpre-lhe anotá-lo em sua agenda. O que importa não é tanto a quantidade do tempo como a qualidade. Se o pastor está em casa, lendo um livro enquanto seu filhinho brinca no soalho, eles estão juntos, mas não inteiramente. No entanto, se ambos se encontrarem na área de serviço, montando uma ferrovia de brinquedo, eles estão completamente juntos! Alguns homens se esquivam a isso, deixando que a mãe desempenhe ao mesmo tempo a função de pai e mãe. Semelhante atitude não é agradável para ela nem para os filhos.

Sahlín: Visto que nossos pastores e suas famílias são considerados como exemplos, como pode uma família assumir o encargo de ser mais perfeita do que qualquer outra família?

Wittschiebe: Creio que não deveríamos pugnar por isso. Quando é criado um alvo como esse, as pessoas se tornam tensas e artificiais. Acho que as famílias dos pastores devem ser o que são na realidade, reconhecer que irão cometer erros e desatinos, e as pessoas as amarelo assim mesmo. As crianças não são perfeitas. Não se deve permitir que a igreja estrague os garotos e então lance a culpa sobre eles. Não convém arrastar uma criança para duas igrejas num só dia. Precisamos proporcionar a nossos filhos o mesmo clima propício ao crescimento que as outras crianças têm, e não dar demasiada importância a nós mesmos. Cometeremos uma porção de erros como pais; se, porém, amamos nossos filhos, eles não os notarão. Os chineses têm um provérbio que diz: "Se você bater em seu filho por engano, não se preocupe; ele sabe a razão." Acho que as crianças são bastante judiciosas.

O pastor deve ser em primeiro lugar um pai, e então um pastor. É a mesma idéia que foi expressa no que eu disse sobre a esposa do pastor. Se alguém dá mais valor às suas responsabilidades como pastor do que às suas responsabilidades como pai, está encarando as coisas sob uma perspectiva errada!

Sahlín: Talvez uma esposa de pastor diga o seguinte: "Meu marido ouve com facilidade a todos os tipos de pessoas. Mas quando ele chega em casa, está demasiado cansado para ouvir o que lhe desejo contar. Quer descansar ou fazer alguma outra coisa que não seja prestar atenção ao que lhe digo." Como podemos enfrentar isso?

Wittschiebe: Em primeiro lugar, é preciso dar-lhe um pouco de razão, porque um homem realmente pode ficar esgotado. Ele se assemelha ao médico que esteve operando o dia todo e não se acha disposto a realizar outra operação. A esposa deve compreender que o marido está cansado. Se ela disser: "Querido, você está exausto, mas poderia dedicar cinco minutos para debater alguma coisa comigo? Não quero extenuá-lo", creio que ele responderia: "Sim, acho que posso." Ao passo que se ela começar a amofiná-lo, e ele se preocupar com a meia hora ou a hora inteira que estará à sua frente (pois é o que geralmente acontece), talvez tenha de dizer: "Cale-se, e deixe-me em paz!" Ela deve lembrar-se dele ao fazer o seu pedido. Afinal de contas, a esposa do pastor é um maravilhoso remédio para ele, que ameniza e cobre todos os seus ferimentos! ■■

SUA IGREJA ESTÁ VIVA?

Mark A. Finley

Diretor do Instituto de Conquista de Almas
da União do Lago, Chicago, Illinois.

Certos sinais vitais indicam que há vida no corpo humano. Se a velocidade cardíaca em repouso é de cinquenta a setenta pulsações por minuto; a pressão sanguínea 120/80; a taxa de colesterol é inferior a 200; e a temperatura, 37°C, pode-se estar razoavelmente seguro de que o corpo se encontra em bom estado de saúde. Nas Escrituras a Igreja de Cristo é comparada ao corpo humano. A interdependência dos órgãos, dos membros e dos sistemas do corpo ilustra a íntima relação de funcionamento e unidade da Igreja. Será que há, portanto, sinais vitais similares de uma igreja sadia e que cresce? Pode-se tomar o pulso de uma congregação para determinar se ela está viva? Creio que sim, e sugiro cinco sinais vitais de uma igreja que cresce.

Sinal Vital Nº 1: Um pastor espiritual com fé dinâmica e visão evangelística. A pessoa-chave em toda a experiência de crescimento da igreja é o pastor. A igreja com um pastor que acredita ser da vontade de Deus que sua igreja cresça, e que o propósito da igreja é redimir, verá crescimento. Se o crescimento da igreja é meramente uma das numerosas opções ou serviços congregacionais, ele será inconsistente e esporádico.

"A Igreja opera de muitas maneiras diferentes; no entanto, jamais deve olvidar sua tarefa primordial e insubstituível: conduzir filhos perdidos de volta à casa do Pai. Conquistar os perdidos é uma função fundamental por cujo intermédio a Igreja é recriada. A Igreja, tanto como indivíduos como organizações, está continuamente morrendo. A menos que seja recriada pela conquista dos perdidos, ela deixa de prestar seu maior serviço à humanidade, e logo não haverá igreja!" — *Ten Steps to Church Growth*, Donald A. McGavran e Winfield Arn, pág. 32.

Todo pastor que é sensível à



Otto S. Lima

orientação do Espírito Santo, que leva a sério a autoridade da Bíblia e que ora de modo inteligente e sistemático sobre sua liderança evangelística conseguirá dispor suas prioridades para habilitar sua igreja a crescer. O pastor deve permitir que o Espírito Santo atue em sua alma o amor pelo evangelismo, pela penetração e pela conquista de almas.

A despeito de muitas semelhanças em outros aspectos, todas as igrejas que crescem na América têm pelo menos um elemento comum: um pastor a quem Deus está usando para que ocorra esse crescimento.

W. A. Criswell, da Primeira Igreja Batista de Dallas, Texas, atribui o crescimento de sua igreja à pregação expositiva; no entanto, Robert Schuller, de Garden Grove, Califórnia, raramente prega um

sermão expositivo. Suas mensagens sobre determinados temas transmitem o pensamento da possibilidade.

James Kennedy, cuja Igreja Presbiteriana de Coral Ridge, na Flórida, cresceu de 17 para 2.500 membros em apenas doze anos, atribui esse aumento à visitação de casa em casa e ao evangelismo pessoal.

Stephen Olford, em Nova Iorque, penetra nos apartamentos de prédios de grande altura por meio da televisão. Richard Halverson acha que desenvolver pequenos grupos *Koinonia* em Washington, D. C., facilita o crescimento.

A conclusão é que, embora possam ser estabelecidos alguns princípios fundamentais que tendem a promover o crescimento, o pastor cuja alma está imbuída do ardente desejo de ver a salvação de homens e mulheres perdidos, o pastor que tem suficiente fé para crer que grande número de pessoas em sua comunidade podem ser ganhas para Cristo, o pastor que sente que Deus quer despertar sua igreja para a ação por meio de seu ministério, verá sua igreja crescer.

Sinal Vital Nº 2: Membros bem mobilizados e organizados. No verão de 1981 passei cinco semanas numa grande campanha evangelística nas Ilhas Filipinas. Durante esse curto período, centenas de pessoas assistiram às nossas reuniões e foram batizadas mais de duzentas almas. De 1910 a 1960, a Igreja Adventista do Sétimo Dia desenvolveu-se lentamente nessas ilhas. Em 1960 havia 75.000 membros nessa região. Mas nos vinte anos que decorreram depois disso, a Igreja experimentou um importante surto de crescimento no qual o número de membros subiu vertiginosamente para 255.000. Em sua análise, o Dr. Herman Reyes, do Seminário Teológico da Divisão do Extremo Oriente, coloca os "esforços dos membros leigos" em primeiro lugar en-

tre os fatores que mais contribuíram para esse crescimento (45,7% das pessoas que responderam a um questionário indicaram ser este o principal fator na sua conversão).

Permanece, porém, a importante questão: Como os leigos podem ser inspirados, adestrados e equipados para dar testemunho? Durante alguns anos preguei o que julgava ser emocionantes sermões sobre o ato de dar testemunho. Eu proclamava: "Ide", mas a maioria das pessoas não ia. Eu repetia as palavras de Jesus: "Vós sois as Minhas testemunhas", mas a maioria não testemunhava. Pregava sobre esta passagem de Isaías: "A quem enviarei?", mas a resposta não era: "Eis-me aqui, envia-me a mim."

Por volta desse tempo, li um livro escrito por Dave Wilkerson, pastor de uma igreja suburbana em Philipsburg, Pensilvânia, no qual ele descrevia sua frustração e desapontamento por causa da dificuldade de levar seus membros a testemunhar. Parecia que jamais conseguiria impeli-los a labutarem para Deus. Todos os seus incentivos e sermões não surtiam efeito. Finalmente, ele atinou com a raiz do problema. Sua igreja só se empenharia num dinâmico programa de evangelismo se ele também o fizesse. Reservou, portanto, todas as noites de terça e quinta-feira para dar testemunho. Visitando canchas de jogo de boliche e pizzarias em todas as partes de Philipsburg, ele se pôs a pescar para o Senhor. Seus conversos começaram a freqüentar a igreja. Experiências recentes na arte de testemunhar tornaram-se uma parte regular do culto semanal. Testemunhos de vidas transformadas entusiasmavam a congregação. Dave Wilkerson não estava mais recomendando que os membros fizessem o que devia ser feito; ele era um vivo exemplo da maneira de efetuar-lo. Como resultado, sua congregação animou-se. Esse era também o método de Cristo, o qual ensinava a Seus discípulos pela associação com sua própria Pessoa. Eles não somente ouviam falar do evangelismo, mas viam como era posto em prática.

Quatro passos bem simples caracterizavam o programa de preparo dirigido por Jesus: 1) Ele partilhava com Seus discípulos a centralidade de Sua missão e lhes ensinava como ser testemunhas. Eles aprendiam a teoria da arte de testemunhar. 2) Levava Seus discípulos consigo às cidades e aldeias em que dava testemunho. Eles observavam Sua maneira de proceder. 3) Enviou-os de dois em dois, numa ex-

periência pessoal no setor de atividade. Eles punham em prática o que Jesus lhes ensinava. 4) Ele avaliava o progresso dos discípulos e fazia sugestões. Eles Lhe davam informações e continuavam a aprender. S. Mateus 4:19 sintetiza o método de preparo usado por Cristo. Acenando para as pessoas escolhidas como Seus discípulos, disse Jesus: "Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens."

Você quer que sua igreja cresça? Estimule e promova a iniciativa da parte dos membros leigos. Adestre os leigos para o testemunho e serviço.

Sinal Vital N° 3: Um ministério diversificado e integral que atraia a todos os segmentos da comunidade. Já notou a ampla variedade de pessoas que iam ter com Jesus, e como Ele Se dirigia a elas de diversas maneiras? Por exemplo, veja o contraste entre Nicodemos (S. João 3) e a mulher junto ao poço (S. João 4). O primeiro era um homem rico e instruído; a outra pessoa era uma mulher pobre e sem cultura. O primeiro era um insigne judeu; a outra pessoa era uma desprezada samaritana. O primeiro era religioso, e foi ter com Jesus à noite; a outra pessoa não parecia ter interesse em assuntos religiosos, e se encontrou casualmente com Jesus, ao meio-dia.

Jesus Se dirigiu a Nicodemos fazendo-lhe um apelo espiritual direto: "Importa-vos nascer de novo." Ele dirigiu-se à mulher junto ao poço por meio do contato social. Pediu-lhe simplesmente um pouco de água para beber. S. Mateus 9:35 apresenta a maneira completa de Jesus aproximar-Se de Seu mundo: "E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades."

A ampla variedade de métodos usados por Jesus e Seu interesse por todas as dimensões de uma pessoa — física, mental e espiritual — atraíam multidões de pessoas para Ele. Ellen White confirma esse princípio de métodos de aproximação diversificados, para o crescimento da Igreja, nestas palavras: "Alguns são atraídos por um aspecto do evangelho, outros por outro aspecto. Somos instruídos por nosso Senhor a trabalhar de tal maneira que todas as classes sejam alcançadas." — *Medicina e Salvação*, pág. 327.

Em toda comunidade há níveis de interesse. A grande maioria talvez não esteja preparada para atender a uma tentativa de aproximação espiritual direta; por conseguinte,

quando as igrejas recorrem ao ministério integral elas satisfazem prementes necessidades e despertam continuamente o interesse das pessoas. Contudo, a principal responsabilidade das igrejas é o ministério em prol daqueles nos quais o Espírito Santo já produziu receptibilidade. Este grupo deve absorver a maior parte do tempo das igrejas.

Um ministério diversificado e integral conduz naturalmente ao próximo indicio de vitalidade na igreja:

Sinal Vital N° 4: Um plano-piloto muito bem elaborado e organizado. Recentemente vooi para Chicago após um seminário sobre crescimento de igreja no Maine. Na poltrona ao meu lado sentou-se o vice-presidente da Anaconda Copper Company. Enquanto viajamos juntos, debatemos os elementos que contribuem para o êxito em qualquer empreendimento no âmbito religioso ou comercial. Ele afirmou: "Em nossa companhia, os presidentes, os vice-presidentes e todos os diretores precisam apresentar cinco objetivos para o próximo ano, bem como planos bem organizados para alcançar esses objetivos."

Na administração, o alvo ou objetivo precisa ser mensurável. Assim também, uma igreja que cresce, como um negócio em expansão, deve desenvolver alvos mensuráveis e atingíveis, e elaborar esmerados e meticulosos planos para alcançá-los.

Uma de minhas atuais responsabilidades é promover o crescimento em igrejas situadas em volta do Instituto de Conquista de Almas da União do Lago, do qual sou o diretor. Há dois anos nossa instituição foi responsável pelo estabelecimento de uma igreja numa nova região de Chicago. No fim de 1980, essa igreja se compunha de aproximadamente noventa membros. Durante os últimos meses do ano, a comissão da igreja se reuniu a fim de estabelecer alvos para o próximo ano. Desenvolvemos três alvos básicos para 1981. Visto que nos estávamos reunindo numa pequena capela alugada, nosso primeiro alvo foi encontrar um novo local para a igreja, quer por meio de compra, de planos para construir ou alugando outro imóvel. O segundo alvo era aumentar o número de membros para 175 até o fim de 1981; e o terceiro, envolver cinqüenta por cento de nossos membros nalguma forma de penetração evangelística.

Para alcançar esses três alvos, nomeamos uma comissão de construção, a qual se reuniu com regularidade, e encontrou um novo local. Na ocasião em que escrevi este artigo, pretendíamos mudar-nos para lá dentro de três semanas. Co-



Jesus procurava beneficiar todas as pessoas, independentemente de sua condição social, física ou moral. Todos Lhe eram caros.

meçamos uma série de programas de penetração. O número de membros subiu para 105, e no último fim-de-semana a assistência era de 160 a 170 pessoas, com cadeiras no corredor da pequena capela. Com vistas ao terceiro alvo, a igreja foi dividida em grupos, está havendo aulas sobre dar testemunho, e não falta muito para cinquenta por cento de nossos membros se acharem empenhados na conquista de almas. Em três anos, nosso alvo é que essa igreja se componha de 250 membros, tenha seu próprio templo e penetre nas comunidades situadas ao sul, para estabelecer outras congregações.

A fim de estabelecer alvos mensuráveis, é necessário fazer algumas perguntas fundamentais: Qual é atualmente o número de membros de nossa igreja? Qual foi o nosso crescimento durante o ano passado? e nos últimos cinco anos? Qual é o nível de crescimento que desejamos atingir daqui a um ano? Quais são nossos alvos específicos, este ano? Em que consistem as prioridades da igreja?

Igrejas pequenas (e a maioria das igrejas pertencem a esta categoria) tendem a ir tropeçando de crise em crise. As reuniões da comissão tratam de tais assuntos como estes: "Que devemos fazer com o encanamento que está vazando?" "E com o teto que está apodrecendo?" "Como podemos equilibrar o orçamento da igreja?" E assim prossegue a longa série de problemas. Em vez de concentrar a atenção no grande número de pessoas que estão perdidas, e procurar alcançá-las, a igreja tende a tornar-se introvertida e egocêntrica. É mister haver planejamento criativo para sair desse casulo. Todo membro da igreja deve ser adestrado nalgum sistema regular de atividade. Você quer que sua igreja cresça? Elabore planos bem definidos! Que deseja realizar na segunda metade deste ano? E na primeira metade do próximo ano? Seja específico. Retina a comissão da igreja. Examine o calendário. Defina seus programas. Planeje os seus programas e seja metucioso em sua execução.

Você quer que sua igreja cresça? Estabeleça um alvo pela fé. Coloque o alvo e as medidas subseqüentes em ordem lógica. Divida o cumprimento em etapas. Nomeie comissões. Acompanhe a designação das tarefas e supervise a implementação.

Sinal Vital Nº 5: Dar prioridade à conquista de almas. Igrejas que crescem são as que desejam crescer. Sua suprema paixão é a conquista de almas. Igrejas que crescem são as que compreendem claramente a missão de Cristo enunciada em S. Lucas 19:10: "buscar e salvar o perdido". Igrejas que crescem são as que reconhecem sua missão redentora; elas olham para o mundo através da cruz de Cristo e percebem que os homens e as mulheres sem Cristo estão perdidos e destinados à condenação eterna. A igreja que reconhece claramente qual é sua missão na comunidade fará, portanto, planos bem definidos e os porá em execução.

Só o planejamento é como um carro sem motor, ou como um refrigerador que não é ligado à tomada. É necessário ter viva relação com o Cristo amoroso para sentir Sua solicitude pelas almas. Eis como Lucas descreve a atitude de Cristo para com os perdidos: "Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou." S. Luc. 19:41. As igrejas que crescem se aproximam das pessoas e se encontram com elas nas atividades diárias da vida. As igrejas que crescem sentem que o mundo está perdido. As igrejas que crescem têm mais profundo amor pelos perdidos do que por seus próprios e insignificantes problemas; sentem que o grande encargo de Cristo é a redenção dos perdidos.

Jesus Se preocupa com as almas. Ele sente a dor de toda vítima de câncer que definha no hospital. Experimenta a tristeza de toda mulher cujo marido a abandonou por causa de alguma outra. Partilha do pesar de toda mãe cujo filho nasceu com uma deformidade. Experimenta o horror de milhares de refugiados em toda guerra. De um modo que você e eu jamais poderemos compreender, Jesus suporta a angústia, a tristeza e o pesar de toda a raça humana. Portanto, para Seu povo, ser semelhante a Ele e carregar os Seus fardos significa ir em busca dos perdidos, comunicar o evangelho de Cristo e vê-los finalmente salvos no reino de Deus.

Uma igreja com esta visão e propósito terá todos os sinais vitais de saúde e crescimento. **66**

ESTENDENDO A NOSSAS CRIANÇAS OS ENSINOS E AS PRÁTICAS DA MORDOMIA

Laura F. Roncarolo

Como sabemos, Mordomia é o uso abnegado e destituído de egoísmo, que fazemos da vida. Em suma, é o uso sábio da vida.

O alvo da mordomia é procurar ajudar o cristão a viver tão sabiamente a vida, sob a direção de Deus e a influência de Seu Santo Espírito, que no final de sua carreira tenha alcançado um caráter que o habilite a entrar nas mansões eternas e ver restaurado, em si mesmo, o caráter de seu Criador, cumprindo desta maneira o propósito do seu Deus. "O caráter formado segundo a semelhança divina é o único tesouro que deste mundo podemos levar para o futuro." — *Parábolas de Jesus*, pág. 332. Quão importante é, pois, o desenvolvimento do caráter nesta vida!

1. Restaurar a Imagem de Deus no Homem

Nesse importante empreendimento de restaurar um caráter à semelhança de Cristo, Deus e o ho-

mem trabalham juntos. O homem vai entregando voluntariamente seu próprio eu ao Senhor e permitindo que em seu lugar reine a autoridade e o domínio do Senhor. Mas o Senhor não nos deixa sozinhos. Ele outorga ao homem o poder necessário, por meio da fé, para manter o velho homem em sujeição.

Uma coisa que ajuda muito as pessoas a entregar progressivamente o próprio eu ao Senhor é a beneficência. "A glória do evangelho é ter ele base no princípio de restaurar na raça caída a imagem divina, por uma constante manifestação de beneficência." — *Conselhos Sobre Mordomia*, pág. 14.

Se existe algo que se opõe à beneficência é o egoísmo do coração humano. Por isso, a Mordomia Cristã procura ajudar o cristão, de modo prático, para que vá eliminando o egoísmo de seu coração.

Por conseguinte, os ensinamentos e a prática da Mordomia exigem um processo planejado, gradual e sis-

temático. Não é algo que se deveria ensinar para somente ser praticado quando haja necessidade ou nalgum momento futuro da vida. Também não é algo que se ensina sobre determinado aspecto vital, nem algo que deva ser deixado até que o cristão "tenha alcançado a maturidade", ou para determinado período da vida. Não!

O ensino e a prática da Mordomia fazem parte de um processo educativo que se estende através de toda a vida e abrange todos os seus aspectos. Necessita-se de toda uma vida para esta educação, porque a erradicação do egoísmo e a formação de um caráter à semelhança divina não são obra de um dia, mas da vida inteira.

Visto que o egoísmo impregna cada aspecto da vida e cada recanto de nossa existência, a Mordomia deve abranger esses mesmos aspectos manchados pelo egoísmo. A prática da beneficência é um dos mais preciosos dons que o Céu nos

Werner-Casa



concedeu para restaurar essa imagem pura herdada do Senhor. Mas, onde, quando e como se inicia este processo de ensinar a Mordomia Cristã?

Basicamente, Deus estabeleceu duas instituições por meio das quais deseja ensinar a Mordomia a Seus filhos: o lar e a igreja. Entende-se que nesta última entra também a escola da igreja.

2. Ensino e Prática da Mordomia no Lar

Os pais podem encontrar em quase todas as ocasiões oportunidades para ensinar a seus filhos e praticar com eles algo relacionado com a Mordomia.

Durante a infância, a maior parte do tempo das crianças transcorre no círculo do lar, e é ali que suas experiências podem contribuir para a educação na Mordomia.

Deus determinou que o lar seja o centro de ação dos pais para ensinar a seus filhos os princípios de Sua Palavra e para adestrá-los em Seus caminhos. "Em Sua sabedoria, o Senhor determinou que a família seja o maior dentre todos os fatores educativos. É no lar que a educação da criança deve iniciar-se. Ali está a sua primeira escola. Ali, tendo seus pais como instrutores, terá a criança de aprender as lições que a devem guiar por toda a vida — lições de respeito, obediência, reverência, domínio próprio." — *O Lar Adventista*, pág. 182.

Os pais devem ser os primeiros e mais influentes professores das crianças, pois têm a oportunidade de ensinar-lhes por preceito e por exemplo. Se isto é válido para cada uma das etapas de crescimento das crianças, tem de sê-lo principalmente nos primeiros anos, quando a pessoa aprende por imitação e observação. À medida que as crianças forem crescendo em sabedoria e compreensão, os pais terão constantes oportunidades para instruí-las e guiá-las nos princípios e práticas da Mordomia Cristã.

O crescimento em direção à maturidade é lento. É muito importante que na infância seja lançado o fundamento conveniente. Os hábitos e as atitudes formados nos primeiros anos da vida fazem sentir seu efeito através da vida posterior.

Quem já não viu uma criança chorando e exclamando: "Minha bola!" ou "Minha boneca!" O primeiro aprendizado da criança está relacionado quase completamente com si mesma. A criança é o centro de sua própria educação. Na educação na Mordomia, a ênfase deve dar-se na passagem ascendente do "eu" infantil para "tu", "ele" e "nós". Este modo de ensinar a Mor-

domia ajudará a criança a cultivar os dons de responsabilidade, respeito, abnegação e bondade.

"Uma das mais eficazes barreiras contra a onda do mal é o cultivo de hábitos de abnegação e benevolência. As crianças devem ser educadas a olhar com desgosto os hábitos de egoísmo e ambição. Deus tem sobre elas sagrados direitos e precisam ser instruídas, regra sobre regra, mandamento sobre mandamento, a reconhecer e estimar conscienciosamente esses direitos." — *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pág. 140.

Desde os primeiros anos a criança deve aceitar a responsabilidade do sábio uso dos dons que Deus lhe concedeu. "Devem as crianças em cada família ser educadas na doutrina e na admoestação do Senhor. As más propensões devem ser controladas e dominado o mau temperamento; e se deve ensinar aos filhos que são propriedade do Senhor, comprados com o Seu precioso sangue, e que não podem levar uma vida de prazer e vaidade, seguir sua própria vontade e executar suas próprias idéias e ainda serem contados entre os filhos de Deus." — *Orientação da Criança*, pág. 42.

Que bela oportunidade têm os pais para instruir e guiar seus filhos nos princípios da Mordomia da vida! Podem ensinar-lhes na vida diária que, devido ao fato de que todas as coisas pertencem a Deus, eles devem usá-las com moderação. Como exemplos de amor e sacrifício, os pais podem demonstrar-lhes o que significa partilhar nossos dons com os outros, assim como Deus partilha o maior Dom com cada um de nós.

3. O Ensino da Mordomia na Igreja

O lar não é a única instituição divinamente estabelecida para oferecer instruções e preparação nos princípios e práticas da Mordomia Cristã. Deus também confiou esta responsabilidade à igreja.

Lendo S. Mateus 28:18-20, vemos que uma parte importante do preceito, e que freqüentemente não recebe a atenção necessária, é aquela que faz referência a todas as idades existentes numa congregação: crianças, jovens e adultos. Sobre a igreja recai a solene responsabilidade de alimentar a todos os seus cordeiros e ovelhas: os de mais idade, os jovens e os pequeninos. Todos pertencem a Deus e todos foram comprados por Seu sangue. Por isso, deve-se ter especial cuidado com as crianças.

"Tome a igreja especial cuidado dos cordeiros do rebanho, exercendo toda a influência que puder con-

quistar o amor das crianças e unilas à verdade." — *O Lar Adventista*, pág. 359.

Tanto na igreja como no lar, a apresentação dos princípios da Mordomia Cristã exige o processo de ensino e aprendizado. A responsabilidade da igreja é valer-se deste processo para cumprir a obrigação de proporcionar este tipo de educação a todos os níveis da congregação. A igreja deve estar inteirada dos benefícios e bênçãos que são alcançados através do ensino da Mordomia Cristã.

Cada criança, desde a mais tenra idade, deve ser conscientizada da importância da Mordomia em sua vida. Os Departamentos de Mordomia de todos os Campos da Divisão Sul-Americana possuem o material necessário para realizar uma semana de orientação e de ensino da Mordomia Cristã para as crianças das igrejas. Este material está preparado para ser usado em reuniões paralelas às da Campanha de Mordomia para os adultos. Mas pode ser utilizado durante uma Semana de Oração ou em qualquer outra oportunidade conveniente.

O ensino e o aprendizado da Mordomia fazem parte do processo geral de ensino e aprendizado cristão. A prática da Mordomia não é a realização de um simples conjunto de regras, mas um modelo de conduta, um modo de vida que habilita a pessoa a crescer.

O resultado do processo de aprendizado da Mordomia deveria revelar-se numa pessoa profundamente agradecida, generosa e responsável. A Igreja deve fazer sua parte na obtenção deste êxito.

A educação em Mordomia deve fazer parte de um programa que esteja constantemente em andamento. Este privilégio não deve estender-se somente à geração atual, mas a todas as gerações que se seguirão antes que o Senhor volte. O lar e a igreja participam desta responsabilidade. Ambos devem trabalhar em íntima cooperação. Ambos são mordomos, administradores responsáveis do sagrado tesouro, e devem tornar conhecidas as maravilhosas obras do Senhor às crianças de nossa congregação.

Quanto a isso, lembremo-nos das palavras do salmista: "A fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda não haviam nascido, se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; para que pusessem em Deus a sua confiança, e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas Lhe observassem os mandamentos." Sal. 78:6 e 7.

APÓS O FUNERAL

J. Ralph McIntyre

Diretor da Divisão de Apoio da Comissão
da Escola Dominical de Nashville.



Que espécie de significativo ministério pessoal pode um pastor ter com uma família depois que terminou o funeral? Com demasiada frequência, nosso ministério em prol da família finda com a bênção junto à sepultura.

Não importa qual o membro da família que tenha falecido, as coisas nunca mais serão as mesmas para os outros membros desse círculo familiar. Há necessidades comuns que promanam de seu pesar em comum e que precisam ser atendidas. Há também necessidades pessoais e peculiares dos diversos membros da família que o pastor notará e às quais dará atenção depois que o funeral tenha terminado.

A morte e o sepultamento de um ente querido suscitam uma oportunidade e um clima propício para a reconsideração de importantes assuntos deixados de lado em ocasiões anteriores. As verdadeiras questões de vida ou morte, o significado do tempo e da eternidade, a estrutura de valores da maioria dos membros da família, as coisas importantes e as que não têm importância, as relações com os outros, com a igreja, com Jesus — tudo isso está sendo consciente ou inconscientemente examinado nessa ocasião crítica.

O ministro do evangelho que deseja sinceramente ser um terno e autêntico sub-pastor apreciará a oportunidade que surge apenas depois que o funeral já passou.

Há muitas necessidades que incidem sobre uma família enlutada como as torrentes de uma cascata. O pastor que é sensível a seus limites ministeriais pode ser uma torre forte. Há problemas financeiros e legais que não podem esperar. O pastor deve saber a quem dirigir seu povo para receber ajuda financeira e legal. Vivemos numa época complicada.

A menos que o pastor tenha preparo especial em questões financeiras ou legais, seria melhor que não procurasse ser um conselheiro amador. Se, porém, ele tiver pelo

menos uma compreensão básica dessas questões, poderá auxiliar grandemente seu povo na obtenção de assistência profissional de alguém dotado de uma perspectiva cristã. Não se deve supor que essas questões tenham sido atendidas antecipadamente. Não vos intrometais nos negócios particulares e pessoais de vosso povo, mas dai a entender que estais dispostos a guiá-los quando tiverem necessidade de vossa experiência.

Se faleceu um marido ou uma esposa, há numerosas necessidades e ajustes adicionais que são requeridos do cônjuge sobrevivente. A solidão invade a casa e o coração em quase todos os momentos do dia e da noite. Ela é avivada pela contemplação das coisas que o ente querido possuía, usava ou apreciava. Os tempos de preciosa participação no passado, que não podem ser repetidos, embora a necessidade seja bastante real, ocasionam solidão. A afável e ditosa multidão na igreja da qual ele ou ela fazia parte também impelirá a pessoa enlutada para o remoinho da solidão.

O pastor que realmente quer apascentar suas ovelhas estará atento às situações que "produzem solidão" na vida dos componentes de seu rebanho que recentemente perderam um ente querido.

Há grande necessidade de ajudar as famílias, após o funeral, a superarem seu sentimento de culpa. Não importa quanto solícita ou afetuosa a família tenha sido para aquele que faleceu recentemente, haverá ocasiões de acabrunhante sentimento de culpa quando aqueles que ficaram se lembrarem de alguma solicitação não atendida, de alguma necessidade não cumprida, de algumas palavras proferidas com ira e que não foram resolvidas. Isto é provavelmente uma experiência universal, mas o indivíduo pesaroso considerá-la-á peculiar a sua própria pessoa. A ajuda de um pastor nessas ocasiões de aflição e dúvida pode ser muito significativa. Se, porém, vós os deixais no cemitério, não podeis ajudar essas almas sofredoras a descobrir a realidade do amor de Deus durante essas ocasiões de grande necessidade.

A eficácia da espécie de ministério que um pastor pode esperar ter com uma família após o funeral depende da espécie de relação que ele teve com eles antes e durante a experiência do falecimento. Há cordialidade na relação pessoal entre o pastor e as pessoas? É uma relação em que se respeita genuinamente um ao outro? Se o falecimento ocorreu no fim de prolongada en-



fermidade, o pastor muitas vezes esteve presente e se mostrou acessível durante a doença? O pastor tem uma espécie de relacionamento com a família que faz com que ele seja um participante bem-vindo no planejamento dos preparativos para a cerimônia fúnebre? (Uma advertência: É melhor não procurar influenciar a família na questão da escolha do caixão, a menos que isto seja solicitado especificamente. Há um momento certo para esse tipo de conselho..., mas não no próprio local da escolha.) A espécie de relação que o pastor mantém antes do funeral influenciará consideravelmente sobre a espécie de ministério que ele poderá ter após a conclusão da cerimônia.

Para que ele tenha um ministério eficaz após o funeral, o pastor deve incluir em seu programa de pregação sermões sobre qual deve ser a atitude do cristão para com a morte. Sermões sobre o Céu e o inferno, sobre a segunda vinda de Jesus, sobre a realidade da ressurreição (além do sermão pregado por ocasião da páscoa) e mensagens do Salmo 23 e de S. João, capítulo 14, versos 1 a 6, devem ser pregados com frequência. Outros assuntos não têm tanto apelo ou necessidade. Se o pastor só prega sobre esses temas na hora do enterro, não estará ajudando seu povo a desenvolver salutares atitudes cristãs para com a morte.

O pastor é estimulado a ter um "ministério de encorajamento" que deve incluir simpósios especiais, estudos, lições sobre planejamento dos bens, questões financeiras, fatos sobre os funerais que todos precisam saber antes de chegar a hora da necessidade. Convidai pessoas bem versadas da comunidade para dirigirem esses estudos especiais. É lamentável que muitos maridos e esposas se recusem a conversar com um com o outro sobre a morte ou sobre qualquer desejo relacionado com os funerais. O pastor... preparará seu povo para essa experiência inevitável. A espécie de ministério que ele terá após o funeral dependerá daquilo que levou seu povo a crer

sobre a morte antes que surja uma emergência.

O tipo de cerimônia fúnebre realizado pelo pastor também influenciará sobre a espécie de ministério que ele poderá ter depois que seja proferida a bênção. O pastor é bondoso, circunspecto e delicado, bem como forte na fé? O funeral é de derrota ou de vitória? Quem é exaltado: Cristo ou o homem?

No dia do funeral, procurai ir ao lar enlutado após o sepultamento. Esse período tranquilo para partilhades vossa presença com os membros da família, alguns dos quais percorreram longas distâncias para assistir ao funeral, será usado por Deus como uma bênção. Enquanto a família recorda todas as coisas confortadoras que foram proferidas e realizadas durante esse calmo "arrebol", o pastor tem a oportunidade de ser um amigo e, às vezes, um mestre. Com muita frequência, há perguntas sobre o Céu, sobre Jesus e sobre a morte que podem ser respondidas pelo pastor. Ele não deve permitir que esse tempo precioso passe furtivamente.

Convém animar a família enlutada a assistir aos cultos na igreja. Isto será uma bênção para eles, e a congregação se alegrará com a oportunidade de confortá-los. A presença deles na igreja dará ensejo para que o pastor ampare e ajude a família. Ele pode convidá-la a comparecer ao seu gabinete ou escritório para um período de oração, antes do culto. Esta experiência aproximará o pastor e a família e possibilitará muitos períodos adicionais de auxílio espiritual.

Nas semanas e meses após o funeral, não se deve deixar de visitar a família enlutada ou de telefonar para ela. O pastor pode animar, em particular, outros membros da igreja a darem especial atenção a essa família.

O pastor amoroso, solícito e prestimoso estimulará sua congregação a empenhar-se no mesmo ministério cativante.

Por favor, depois que terminou o funeral, não deixeis a família enlutada no cemitério! ■■

O CLUBE CORONARIANO

Visto que cada vez mais pregadores estão sendo vítimas de ataques cardíacos, o Clube Coronariano está estendendo a qualidade de membro aos que poucos anos atrás eram considerados muito novos para serem admitidos. Sem dúvida, numerosos pregadores, jovens e idosos, procuram tornar-se membros, mas não têm informação a esse respeito. As regras abaixo, se forem seguidas, assegurarão rápidas medidas nesse sentido:

1. Jamais diga "Não".
2. Insista em procurar agradar a todos e em ser apreciado por eles.
3. Nunca delegue responsabilidades. Se tiver de nomear uma comissão, realize todo o trabalho por si mesmo.
4. Nunca planeje tirar um dia de folga; mas, se for obrigado a fazê-lo, visite um pregador amigo e passe o dia conversando sobre problemas de igreja, tanto seus como dele.
5. Nunca faça planos para passar um serão em casa. Se acontecer, porém, que uma noite não tenha reuniões nem visitas, aceite um compromisso para pregar noutra localidade.
6. Assuma a direção de todos os reavivamentos que sua igreja consiga tolerar; então marque outros para suas férias. (Coloque todos os honorários numa conta especial intitulada: "Fundo de Reserva Para o Coração." Isto ajudará a cobrir as despesas médicas e hospitalares quando sofrer um infarto do miocárdio.)

7. Nunca reserve tempo suficiente para dirigir o carro tranquilamente, a fim de atender a um compromisso. (Isto fará duas coisas: mostrará às pessoas quão ocupado você é, e preservará a reputação de que os pregadores são motoristas apressados.)

8. Observe os registros de frequência, especialmente os da escola dominical. Se eles caírem um pouco, resolva mudar-se, e sempre pergunte a si mesmo o que levou as pessoas a sentirem aversão por você.

9. Quando o médico recomendar que modere o passo, despreze suas palavras e gabe-se do fato de que prefere consumir-se a enferrujar-se.

12. Conduza sua igreja a um programa de construção, quer seja ou não necessário, considere-se mais habilitado do que o arquiteto e dê supervisão pessoal a todos os pormenores.

13. Considere um dever cívico ser membro de todos os clubes da cidade, e torne-se presidente de tantos quantos puder.



Rogério/Casa

10. Procure superar o recorde do pastor anterior e esforce-se ao máximo para superar cada ano seu próprio recorde.

11. Leve o fardo de seu povo ao Senhor, mas não o deixe ali. Desempenhe o papel de Deus e faça de conta que o Reino depende de você.

14. Se não for bem sucedido depois de fazer tudo isso, aceite a maior igreja que puder encontrar e trabalhe incansavelmente. É muito provável que tenha então um ataque cardíaco dentro de seis meses. — George W. Miller, *Pulpit Helps*, AMG International, Chattanooga, TN. ❧



Arq./Casa

A SALVAÇÃO É UMA DÁDIVA DE DEUS

William G. Johnsson

Redator Associado da *Adventist Review*,
Washington, D.C.

Nossa convicção é que a única esperança de salvação da humanidade está na imerecida bondade de Deus. Cremos que nenhum empenho nem esforço humano, nem obras de justiça praticadas por nós podem granjear-nos algum mérito diante de Deus. Cremos também que Deus faz por nós o que não podemos fazer por nós mesmos e que em Jesus Cristo Ele destruiu o domínio do pecado e da morte, tornando a salvação acessível a todos. Por meio da cruz Deus reconciliou consigo um mundo pecaminoso; agora

Ele oferece a toda pessoa Sua dádiva da salvação.

Se quisermos compreender o plano bíblico da salvação precisamos reconhecer primeiro nossa premente necessidade. Embora, às vezes, homens e mulheres individualmente, e a sociedade em geral, pratiquem nobres ações, da perspectiva divina estamos condenados, individual e coletivamente. Somos rebeldes de coração e rebeldes em nossas ações; até mesmo nossos atos de justiça são como "trapo da imundícia" à vista de Deus (Ver Isa. 64:6). Conquanto nossos pri-

meiros pais tenham sido criados à imagem divina, essa imagem se desfigurou: "Toda a cabeça está doente e todo o coração enfermo." Isa. 1:5. Quando o olhar perscrutador de Deus examina a raça humana, o veredicto é o seguinte: "Não há justo, nem sequer um..., pois todos pecaram e carecem da glória de Deus." Rom. 3:10 e 23.

A lei também não pode ajudar-nos. Mesmo que procurássemos justificar-nos diante de Deus pela metódica conformidade com os seus preceitos, não alcançaríamos o alvo. Jesus, elucidando a lei, mostrou

que ela esquadrinha até nossos motivos e atitudes, e nossos desejos secretos (ver S. Mat. 5:17-48). Ele revelou que no âmago da lei está o amor — supremo amor a Deus e amor a nosso próximo como a nós mesmos (ver S. Mat. 22:34-40). Assim, a lei requer um padrão que não podemos atingir; em vez de salvar-nos, ela expõe nossa insuficiência. “Visto que ninguém será justificado diante dEle por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.” Rom. 3:20.

Confessamos que sem Deus estamos perdidos (ver S. Luc. 15). Estamos afastados de Deus, uns dos outros e de nosso ambiente. Não fazemos o que deveríamos ou gostaríamos de fazer; e, sim, o que não devemos fazer. Não somente estamos em falta no tribunal de Deus, mas somos escravos do pecado, tanto por dentro como por fora (ver Rom. 7:14-23; 6:17). Por mais desagradável que seja esta descrição para as pessoas modernas, ela constitui, porém, a representação bíblica da condição humana. Unicamente quando sentimos este estado desesperador e nossa premente necessidade de ajuda fora de nós mesmos, é que podemos apreciar o meio de salvação.

O segundo grande fato da salvação é o seguinte: Deus não nos deixa na situação em que nos encontramos. Aproxima-Se de nós e nos oferece Sua salvação. Realiza por nós o que não podemos fazer. Ele nos liberta da culpa, da condenação e do domínio do pecado.

Em toda a Escritura, Deus toma a iniciativa de salvar homens e mulheres. A primeira pergunta da Bíblia foi feita por Ele, e dirigida a nossos primeiros pais, quando se escondiam de Deus: “Onde estás?” Gên. 3:9. Desde a primeira fuga de Adão e Eva, nós também estamos fugindo; Deus ainda está chamando desde o Seu primeiro chamado. Yahweh interveio para libertar as tribos dos hebreus que se encontravam em escravidão (ver Êxo. 3:6-10); Ele também as trouxe de volta do cativeiro babilônico (ver II Crônicas 36:22 e 23).

O supremo ato de Deus está, porém, em Jesus Cristo. “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” S. João 3:16. A Palavra eterna, Aquele que sempre foi e sempre será plenamente Deus, Se fez carne, armando Sua tenda entre nós (ver S. João 1:1, 2 e 14). Ele não procurou egoistamente reter Sua posição, mas assumiu “a

forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens” (Filip. 2:6 e 7). Como um de nós, participou de nossas tristezas, suportou nossas provações, experimentou nossos cuidados e necessidades, e foi “tentado em todas as coisas, à nossa semelhança” (ver Heb. 2:18; 4:15). No entanto, em toda tentação manteve-Se sem pecado; era um “cordeiro sem defeito e sem mácula” (I S. Ped. 1:19).

Grandiosa como era a vida de Cristo, de perfeita obediência à vontade de Deus, ela apontava inevitavelmente para o Calvário. Para opor-Se ao mistério do pecado, Deus provera o Mistério da Cruz. Na colina do Gólgota, Ele tomaria sobre Si mesmo a punição de nosso pecado, experimentando a desolação e o desespero da “segunda morte” (Apoc. 20:6). Eis o testemunho da Escritura: “Cristo morreu pelos nossos pecados.” I Cor. 15:3. Ele sofreu a morte que nos pertencia para que pudéssemos receber a vida que era Sua. “Aquele que não conhecia pecado, Ele O fez pecado por nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus.” II Cor. 5:21.

Para nós a Cruz é central. Constitui o momento decisivo da História, quando Deus manifestou Seu juízo sobre o pecado, mas proveu salvação para o mundo. Cremos na morte vicária, expiatória e reconciliadora de Jesus Cristo. Em virtude da Cruz, Deus pode ser justo e também o Justificador do homem ou da mulher que crê em Jesus (ver Rom. 3:21-26). Admirados com a maravilha do amor que redime, exclamamos com S. Paulo: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo!” Gal. 6:14.

Na Cruz Deus reconciliou o mundo consigo. Ele não relutou em salvar a humanidade perdida; antes, o plano da salvação em Jesus Cristo resultou de Sua iniciativa: “Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões.” II Cor. 5:19. Antes que fizéssemos qualquer movimento em Sua direção, Ele já abriu a porta do livramento; “Cristo... [morreu] por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rom. 5:8). Assim como todos estamos “em” Adão, o ancestral da raça humana, Deus quer que estejamos “em” Cristo, o segundo Adão e Aquele cuja vida de justiça e morte expiatória inverteram o dano da Queda (ver I Cor. 15:22; Rom. 5:12-21).

Cremos que a salvação de Deus em Cristo Jesus é provida para todo homem e mulher, menino e menina,

na história humana. Deus não tem favoritos; Ele não quer “que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (II S. Ped. 3:9). A todo pecador Ele faz o convite: “Vinde a Mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei.” S. Mat. 11:28-30. Nenhuma distinção de raça, sexo, idade, educação ou posição social pode impedir uma pessoa de receber a dádiva da salvação de Deus em Jesus Cristo. Ele deseja que todos sejam salvos (ver I Tim. 2:4).

Embora Deus tenha feito plena provisão para a salvação do mundo, Ele não impõe Sua dádiva aos homens e mulheres. Sua natureza é amor, e almeja receber uma amorosa resposta de nossa parte — a resposta da fé. “A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem.” Heb. 11:1. Fé é confiança em Deus; é aceitar o que Ele afirma, envolvendo-nos de nossa justificação própria para a Sua justificação.

Mas, até mesmo a fé provém de Deus. Ele envia o Espírito Santo para convencer o mundo “do pecado, da justiça e do juízo” (S. João 16:8-11), despertando dentro de nós o anseio de chegar-nos a Deus. Habilita nossa vontade para escolher o bem: em vez de rebelar-nos contra Deus ou fugir dEle, volvemo-nos para Sua Pessoa que está com os braços estendidos para dar-nos as boas-vindas. O Espírito nos impressiona especialmente por meio da Palavra de Deus (ver Rom. 10:17). Assim, embora seja imparcial no oferecimento de Seu Dom inefável, Deus respeita nossa liberdade de escolha; a salvação provém inteiramente dEle. “Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus.” Efés. 2:8. No manto da justiça de Cristo, trajado pelos remidos, não há um só fio de invenção humana.

Cremos que a salvação abrange tanto aspectos objetivos como subjetivos. Os primeiros denotam nossa nova posição diante de Deus e os últimos, a transformação de nossa experiência.

Cremos na justificação só pela graça e só mediante a fé. Esta fórmula histórica expressa o que Deus realiza por nós em Jesus Cristo. Constitui a boa nova de que, pela Cruz, somos absolvidos no tribunal da justiça divina. “Ele foi traspasado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades, e castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados. ... O Senhor fez cair



sobre Ele a iniquidade de nós todos." Isa. 53:5 e 6.

Conquanto este aspecto objetivo da salvação seja eficazmente expresso pelo modelo de justificação do tribunal da lei, a Escritura fornece outras ilustrações de nossa nova condição. Somos perdoados (ver I S. João 1:9), resgatados (ver I S. Ped. 1:18 e 19), reconciliados (ver Rom. 5:10), lavados (ver I Cor. 6:11) e adotados como filhos e filhas do Deus vivo (ver Rom. 8:15). Outrora estávamos perdidos; agora fomos achados. O filho pródigo retornou ao lar (ver S. Luc. 15:11-32).

A dádiva da salvação não somente nos concede uma nova posição, mas também é transformadora. Quando nos volvemos de nossa própria justiça para a justiça de Deus, somos "convertidos" (ver Isa. 6:10); nossas atitudes e desejos recebem nova orientação e "nascemos de novo" (ver S. João 3:3-8). Somos libertos do reino do mal, resgatados do domínio do pecado: "Mas graças a Deus porque, outrora escravos do pecado, contudo vieste a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça." Rom. 6:17 e 18. Portanto, cremos que a dádiva da salvação de Deus não somente opera por nós, mas também em nós.

Como filhos e filhas resgatados por Ele, temos uma nova atitude para com a lei divina. Ela não mais se opõe a nós para condenar-nos, nem procuramos obter algum mérito por meio de escrupulosidade servil (ver Rom. 7:7-11). Antes, o Espírito Santo escreve os preceitos celestiais em nosso coração (ver Jer. 31:31-34; Heb. 8:10). Dizemos com nosso Senhor: "Agrada-Me fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; dentro em

Meu coração está a Tua lei." Sal. 40:8.

Temos a convicção de que a experiência da salvação redunde em boas obras. "Somos feita de Ele, criados em Cristo Jesus para boas obras." Efés. 2:10. Tais obras não são a base, mas o "fruto" de nossa salvação. Estando unidos a Jesus, a Videira, nossa vida refletirá a beleza de Seu caráter (ver S. João 15:1-5). Contemplando diariamente Sua glória, somos transformados na Sua própria imagem (ver II Cor. 3:18). Cremos que cristianismo é uma relação transformadora com um Salvador e Senhor que vive.

Por conseguinte, o indicativo da dádiva de Deus é acompanhado pelo imperativo de uma vida santa. Devemos tornar-nos o que somos, isto é, viver na íntegra a nova vida que é nossa em Cristo Jesus (ver I Cor. 5:7). Não ousamos menosprezar "tão grande salvação" que chegou até nós (Heb. 2:3). O privilégio da dádiva divina requer uma responsabilidade proporcional; devemos ser "irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual [resplandecemos] como luzeiros no mundo" (Filip. 2:15).


Queremos deixar claro, porém, que tendo começado a vida cristã pela fé, não confiamos depois disso em nossa própria força. A maneira pela qual recebemos a Cristo é também a maneira pela qual vivemos em Cristo: pela graça, mediante a fé. "Ora, como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nEle." Colos. 2:6. Diariamente devemos dar tudo e receber tudo — dar inteiramente a nós mesmos, pela fé, e receber Sua nova vida. Cremos no contínuo ministério do Espírito Santo, o qual habita em nós como Paracleto de Cristo, para nos guiar, for-

"Um Advogado para com o Pai." A mediação de Cristo nos confere a certeza da expiação e eliminação completa do pecado. Esta fase do ministério divino em prol do homem torna eficaz o supremo sacrifício da cruz.

talescer e animar (ver S. João 14:13, 16-18 e 26; Efés. 3:16).

Não cremos que nossa aceitação inicial da dádiva da salvação de Deus assegure que não possamos perder-nos. Tendo começado bem, podemos recuar. Deus nunca nos abandonará — Ele não permitirá que alguém nos arrebate de Sua mão (ver S. João 10:28) — mas nós podemos abandoná-Lo. O Senhor não nos compele a continuar sendo Seus, como também não nos compele a tornar-nos Seus. De modo que encaramos com seriedade as reiteradas admoestações da Escritura para perseverarmos no caminho da vontade de Deus, a fim de não cairmos da graça (ver I Cor. 9:26 e 27; Heb. 6:4-6; 10:26-31).

Essa boa-nova da dádiva da salvação de Deus está bem no âmago do conceito que temos de nossa missão. Nós nos consideramos comissionados para pregar o "evangelho eterno" a um mundo que está na iminência do fim (ver Apoc. 14:6 e 7). Numa época de vida descuidada e indiferente, lembramos aos homens e mulheres as reivindicações da lei de Deus que os tornam culpados diante de Deus e sujeitos a Seu julgamento. Mas, ao fazer isso, nós chamamos sua atenção para Jesus, o qual viveu para nós e morreu em nosso lugar, a fim de remover a condenação e libertar-nos do poder do pecado. Ele é nosso Irmão, nosso Mediador, nosso Juiz, nosso Salvador e nosso Senhor!

E o melhor ainda está para vir! Aquele que nos salvou e a Quem agora apenas conhecemos pela fé, voltará em breve (ver S. João 14:1-3). Então O veremos face a face, e estaremos para sempre com Ele. Tomaremos parte no coro de Aleluia, no Céu, cantando: "Digno é o Cordeiro, que foi morto"! Apoc. 5:12. 

NISTO CREMOS-4

CRIADOS À IMAGEM DE DEUS

Niels-Erik Andreassen

Diretor do Departamento de Estudos
Bíblicos, Divisão de Religião, Universidade
de Loma Linda, Califórnia.

Creemos que o homem e a mulher foram criados à imagem de Deus (ver Gên. 1:26). Embora tenha sido tirada do pó da terra e formada como um oleiro modela a argila, a humanidade reflete a imagem de Deus e manifesta Sua semelhança. Esta crença simples não soluciona todos os problemas relacionados com a natureza e a vida humana. Pelo contrário, segundo escreveu o teólogo Emil Brunner, "o mundo não somente está cheio de enigmas; mas a própria pessoa que faz os enigmas se torna um enigma" (*Man in Revolt*, Filadélfia, 1947, pág. 17). Contudo, nossa crença fundamental acerca da natureza humana nos habilita a transformar o problema da humanidade no enigma da humanidade, e assim o cristianismo deu um passo importante, pois um problema é um inquietante retorno na vida, ao passo que um enigma é um convite para examinar um assunto empolgante. Que diremos, pois, sobre a imagem e semelhança de Deus?

A Imagem Feita de Argila

Por um lado, o enigma da humanidade nos tenta a exagerar nossa percepção de nós mesmos, e com alguma razão. As conseqüências da cultura, do pensamento, da técnica e da criatividade dos seres humanos são impressionantes. Que esplêndidas criaturas somos nós, andando empertigadamente sobre a terra com duas pernas; poderosos, inteligentes e garbosos! O salmista perguntou: "Que é o homem?" e respondeu: "Fizeste-o..., por um pouco, menor do que Deus, e de glória e de honra o coroaste." Sal. 8:4 e 5.

No entanto, há também um outro quadro do gênero humano. É enrugado, sórdido e triste. Retrata a degradação humana, o pecado, a doença, a fraqueza e a morte. Quão

frágeis e fugazes pessoas somos nós, durando apenas um momento, antes de retornar ao pó, e quase não deixando nenhum vestígio! "Que é o homem?" perguntou o salmista pela segunda vez, e desta vez ele respondeu: "O homem é como um sopro; os seus dias, como a sombra que passa." Sal. 144:3 e 4.

Ambos esses quadros fazem parte de nossa doutrina sobre o homem. Creemos que o homem e a mulher constituem uma esplêndida criação de Deus: seres livres, nobres, pensantes, individualistas e gregários. Mas não há motivo para orgulho, pois todos fomos tirados da terra — débeis criaturas terrenas cuja vida depende totalmente de Deus (ver Atos 17:28). Por conseguinte, o homem e a mulher continuam sendo criaturas, mesmo durante os mais grandiosos momentos de sua vida e em ocasiões de grande poder, prestígio e realização. Eles revelam, porém, a imagem de Deus até nas etapas mais baixas de sua existência, e em momentos de debilidade, fracasso e humilhação. (Ver a obra de Reinhold Niebuhr, *The Nature and Destiny of Man*, Nova Iorque, 1948, pág. 150.)

Corpo, Alma e Espírito

Muitos cristãos consideram o homem e a mulher como seres que se compõem de três partes: corpo, alma e espírito. Este conceito até se tornou proverbial. Naturalmente, isto é assim enquanto estávamos vivos; mas, que acontece na morte? O corpo, segundo crêem alguns cristãos, retorna à terra na morte, ao passo que a alma se escapa para uma nova vida no porvir. A origem dessa divisão do homem se estende ao pensamento grego, segundo o qual há acentuada distinção entre a vida material do corpo e a vida espiritual da alma. A primeira era considerada transitória, e a última, eterna.

Nós discordamos desse conceito popular sobre o homem, e nos reportamos à Bíblia e à sua exposição da natureza humana formulada em Gênesis 2:7. De acordo com o relato da Escritura, "formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente". "Ser vivente" seria a tradução mais apropriada das palavras *nephesh hayyah* nesse versículo, pois o homem é uma unidade, um só ser humano integrado. Quando é invertida essa fórmula da criação do homem, como acontece na morte, o dom da vida retorna ao Doador, e o corpo volta à terra (ver Gên. 3:19; Eccl. 12:7). Não há, portanto, vida, após a morte, para uma alma "imortal".

Intérpretes da Escritura têm reconhecido por muito tempo esta singular compreensão da natureza humana. É bastante conhecido o parecer emitido por H. Wheeler Robinson: "Os hebreus encaravam o homem como um corpo animado, e não como uma alma encarnada." — *Inspiration and Revelation in the Old Testament*, Oxford, 1946, pág. 70. Em suma, o homem não é um conjunto de partes separadas, mas uma unidade que consiste de qualidades distinguíveis. Por exemplo, a Bíblia reconhece que o homem tem tanto pontos fortes como pontos fracos — ele é espiritual, mas também é carnal (ver I Cor. 3:1-4). Segundo é salientado no Salmo 103:1 e em Jó 12:3, ele é um ser vibrante (é uma alma vivente) e pode raciocinar (possui um coração). Mas nenhuma dessas características constitui uma parte do homem; todas elas são caracterizações do homem em sua totalidade. Resumindo, o homem e a mulher não são seres unidimensionais, mas criaturas multifacetadas, com enormes possibilidades e, também, com muitas responsabilidades. Contudo, sejam quais forem as características evidenciadas pela humanidade, todas são manifestações de indivisível unidade de corpo, mente e espírito. Não há uma centelha divina dentro dos seres humanos na qual possam confiar para ter vida eterna. Pelo contrário, sua vida depende inteiramente do poder criador de Deus. Esta compreensão da natureza humana também envolve a íntima correlação entre o corpo e a mente, confirmada por recentes pesquisas no âmbito da saúde, da medicina e da psicologia.

A Queda

A Bíblia ensina que a humanidade caiu (ver Gên. 3). Embora o mais

famoso relato da Queda declare que o homem culpou a mulher por isso, e ela, por sua vez, lançou a culpa sobre a serpente, a própria Bíblia não culpa a pessoa alguma. O conceito pejorativo de que o sexo feminino ocasionou a Queda da humanidade não é bíblico. A Queda é um problema humano, e não um problema sexual. Mas, que aconteceu realmente com a humanidade na Queda? A resposta a esta pergunta tem tanto um aspecto teórico como prático. Teoricamente falando, a imagem de Deus foi desfigurada no homem. Até que ponto? Os teólogos têm debatido acaloradamente esta questão. Alguns dizem que a imagem de Deus está completamente perdida e precisa ser restaurada por uma nova revelação de Deus. Outros afirmam que a imagem de Deus não está totalmente destruída, pois, afinal de contas, o homem possui a capacidade intelectual de reconhecer a revelação de Deus e de mostrar-se sensível a ela. (Ver J. Baillie, *Our Knowledge of God*, Nova Iorque, 1959, págs. 3-43.) Qual o ponto de vista que é correto?

Há evidências na Escritura, corroboradas por nossa própria experiência humana, de que a despeito da desfiguração da imagem divina, a humanidade é intelectualmente capaz de conhecer seu pecado, sentir tristeza por ele, implorar o perdão divino e ter a certeza de recebê-lo (ver Salmo 51). Assim, a natureza humana após a Queda não é simplesmente alguma coisa má, mas uma coisa boa que se deturpou (ver Baillie, op. cit., pág. 23).

A bem dizer, a história da Queda ilustra a experiência humana com o pecado. Em primeiro lugar, há o conhecimento "do bem e do mal" (Gên. 3:5). Esta expressão é um *merisma*, isto é, ela abrange tudo, do mesmo modo que a expressão "de Leste a Oeste" abrange tudo entre essas duas regiões. Conhecer tudo no sentido de experimentar tudo (pois é isso que realmente significa "conhecer") constitui uma indicação de arrogância espiritual, de o homem supor que é Deus (ver Gên. 3:5). Esta é a primeira causa do pecado.

Em segundo lugar, houve separação entre o homem e a mulher. Eles viram que estavam nus e de repente perceberam que eram capazes de explorar um ao outro, bem como de amar um ao outro. Portanto, sentiram-se culpados e envergonhados e procuraram reparar sua relação cobrindo-se com folhas (ver Gên. 3:7).

Em terceiro lugar, eles ficaram

com medo de Deus e se esconderam dEle, pretensamente porque estavam nus (embora já usassem cintas de folhas). Na realidade, estavam envergonhados de sua nudez diante de Deus porque ela revelava sua verdadeira pessoa — indivíduos que pretendiam ser Deus e cuja relação com Ele se tornara desarmoniosa.

Em quarto lugar, eles foram expulsos da presença de Deus para morrer em solidão (ver Gên. 3:22-24). Esse relato da Queda é um trecho da antiga história humana, mas é muito mais do que isso; constitui uma expressão da experiência humana comum, pois todos pecamos (ver Rom. 3:23).

Pecado Original

Como o pecado do primeiro par humano se estendeu a toda a humanidade? Ele é uma aflição herdada



Arquivo Casa.

ou um traço adquirido? Que é pecado original? A Bíblia contorna essas questões teóricas, mas afirma, no sentido prático, que todos pecaram de tal maneira que nenhuma pessoa pode alegar estar isenta de pecado (ver Rom. 5:12; I S. João 1:8). Este é o ponto da expressão familiar: "em pecado me concebeu minha mãe" (Sal. 51:5). Não o ato da concepção, mas o próprio começo da vida está incluído no pecado. Por isso nenhum ser humano pode evadir-se ao pecado em tempo algum.

Essa difusibilidade do pecado é retratada poderosamente em Gênesis 4-6. O pecado mal havia aparecido nos pais quando já se manifestou na família. Em Gênesis 3 o pecado se revela como um problema pessoal bem ilustrado pela pergunta: "Onde estás?" (V. 9), mas em Gênesis 4 ele já se tornou um problema social, segundo é indicado pela interrogação: "Onde está Abel, teu irmão?" V. 9. Desse ponto em diante ele se espalhou pela comunidade mais ampla e pelo mundo inteiro. (Ver Gên. 4:23 e 24; 6:1-4.) Se essa condição é herdada ou adquirida, se é original ou privativa

de cada indivíduo, são questões teóricas de interesse secundário para a Bíblia. A psicologia contemporânea pode muito bem caracterizar a fragilidade humana que chamamos de pecado em todas essas formas, e extrair assim algum conforto. Mas a Bíblia só expõe a difusibilidade do pecado na família humana.

Naturalmente, a Bíblia é muito sensível ao fato de que nascemos em pecado e de que não podemos esquivar-nos a isso. Ela expressa compassiva compreensão para com a humanidade apanhada nesse dilema (ver Sal. 103:15-18) e considera a condição do homem como circunstância atenuadora no juízo (ver Zac. 3:2). No entanto, em nenhum lugar ela desculpa ou despreza o pecado.

Não somente o próprio pecado, mas também as suas conseqüências são partilhadas por toda a humanidade. Todos são arrogantes diante de Deus; todos experimentam a culpa e a ignomínia que conduzem à separação. Todos sentirão finalmente o medo e a solidão de estar separados de seu Criador, se não antes, pelo menos no inevitável fim da vida, pois a morte passou a todos os homens (Rom. 5:12). Como pode ser detido esse terror?

O Segundo Homem

"Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida." Rom. 5:18. Este impressionante versículo da Escritura apresenta o segundo Homem, Jesus Cristo, o qual produzirá uma nova família humana sem o estigma do pecado. Por assim dizer, Ele desfará o que foi feito pelo primeiro homem. Será, porém, que o pecado realmente pode ser desfeito? Em caso afirmativo, como pode a Bíblia afirmar que todos pecaram e que não é possível escapar dessa condição?

A resposta da Bíblia é deveras notável, pois ela explica a libertação do pecado como generoso e benévolo dom da justiça (ver Rom. 5:17). A Escritura caracteriza esse dom de muitas maneiras, pois ele é ao mesmo tempo um conceito notável e difícil, mas dois termos são especialmente poderosos e penetrantes. Um é a justificação do pecador (ver Rom. 5:1) e o outro é a reconciliação entre Deus e o pecador (ver Rom. 5:10 e 11; II Cor. 5:19-21). Por meio da justificação e da reconciliação, o pecado introduzido pelo

primeiro homem, Adão, é revogado pelo segundo Homem, Jesus Cristo. A despeito de sua importância, não podemos demorar-nos aqui neste assunto, mas ele conduz a uma outra pergunta: Que espécie de pessoas são os descendentes do segundo Homem?

Restauração da Imagem de Deus

O generoso dom da graça que produz justificação e reconciliação pode restaurar a imagem de Deus no homem? Esta tem sido uma questão difícil para os cristãos resolverem. Se a resposta for "Não", o generoso dom da graça parece perder uma parte de seu valor. Se aquilo que foi desfigurado na Queda realmente não é restaurado, como se pode dizer que o segundo Homem desfez o que foi efetuado pelo primeiro homem? Por outro lado, se a resposta for "Sim", o que se reivindica para esse generoso dom da graça talvez seja maior do que ele parece ser capaz de transmitir. Alguns cristãos têm procurado enaltecer o dom da graça supondo que já estão plenamente restaurados à imagem de Deus. Julgam ser possuidores de perfeição no tempo presente ou esperam possuí-la nalgum ponto no futuro. Mas os nossos sentidos nos dizem que esses pretensos perfeccionistas, embora levem uma vida circumspecta, ainda estão sujeitos ao pecado. Como descreveremos então a natureza humana após o dom da graça?

No tocante à imagem de Deus segundo a qual o homem foi criado, devemos ter em mente que não é o próprio Deus, mas apenas uma semelhança dEle que se encontra no homem. Aquilo que uma vez estava no homem pode ser restaurado mediante o dom da graça. Não se pode falar, portanto, em perfeição, mas apenas de restauração da imagem ou da semelhança de Deus no homem. Isto não é, porém, algo insignificante. Também não é meramente um desenvolvimento natural ou uma melhoria geral das condições humanas, pois requer um ato de criação. O salmista escreveu: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabalável." Sal. 51:10. Por conseguinte, restaurar a imagem de Deus no homem é obra de nosso Criador e Redentor.

Como uma pessoa pode saber que foi criada dessa maneira e que a imagem de Deus está sendo restaurada em seu íntimo? Mais uma vez a Bíblia é mais prática do que teórica em sua resposta. A Escritura declara: "Aquele que não ama

não conhece a Deus, pois Deus é amor." I S. João 4:8. Em outras palavras, a imagem de Deus é restaurada em nós até o ponto em que realizamos coisas divinas, a primeira das quais é o amor. Entretanto, mesmo com este discernimento é difícil saber quão plenamente a imagem de Deus é restaurada em nós, pois o amor de que estamos tratando sempre é dirigido para os outros. "Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros." I S. João 4:11. Se, portanto, a evidência da restauração da imagem de Deus em nós é dirigida para os outros, como nós mesmos podemos ter certeza disso? Como regra geral, podemos deduzir que o grau em que a imagem de Deus é restaurada numa pessoa só é percebido pelos outros. Aquele que traz a semelhança de Deus não se apercebe disso; com efeito, quanto mais o caráter de alguém se torna semelhante ao de Deus, tanto mais esse indivíduo sente quão grande é o abismo que ainda existe nesse sentido. Mas ele desfrutará certa confiança e certeza que promanam naturalmente da restauração da imagem de Deus numa pessoa. Essa confiança e certeza se chama fé.

Filhos e Filhas de Deus

A nova família humana, os descendentes do segundo Homem são convidados a ser filhos e filhas de Deus e a cumprir as atribuições originais designadas à humanidade. Elas são três.

Primeira: o homem e a mulher foram criados para a glória de Deus. Isto os distingue de todas as outras criaturas. É-lhes dado poder e domínio na Terra, e são uma espécie de representante divino. O Salmo 8 retrata isso dramaticamente ao apresentar o homem como aquele sob cujos pés foram colocadas todas as coisas feitas pela mão de Deus. O Senhor parece dar mais honra ao homem e à mulher do que reserva para Si mesmo, e eles são convidados a alegrar-se nessa honra e esplendor, e a louvar a Deus por ela, assim como um filho honra a seus pais por meio de nobres consecuições e pela beleza de caráter.

Quanto mais brilhantemente o homem e a mulher governam a Terra, tanto maior é a glória e o louvor que eles trazem para Deus.

Segunda: a humanidade recebe uma comunidade em que deve viver. A família provê o círculo interno dessa comunidade; clãs, tribos, cidades, igrejas, nações, na realidade toda a raça humana, constituem círculos externos adicionais. A comunidade proporciona amizade e companheirismo, e requer dedicação e cuidado. O homem e a mulher são convidados a buscar semelhante amizade e companheirismo e a retribuí-los com dedicação e cuidado. Dentro dela a raça humana irá prosperar. Nascerão crianças; será desenvolvido o caráter; prestar-se-á ajuda e se proporcionará conforto; e mesmo a morte poderá ser enfrentada e integrada na vida que terá de prosseguir.

Terceira: o homem e a mulher são colocados no mundo físico da boa Terra de Deus, "para o cultivar e o guardar" (Gên. 2:15). O domínio sobre a Terra que eles receberam de Deus é o de um governante bondoso (Gên. 1:26). Não lhes permite explorar o mundo e seus recursos. Por outro lado, o mundo não é animado, nem imbuído de divindade, e não há o perigo de tocar num nervo divino ao cultivar o solo e escavar as colinas. Com efeito, o mundo é tanto material como secular, criado para o uso, benéfico e manutenção da humanidade. É nosso lar, e nisto reside nossa responsabilidade para com ele. Como dádiva de Deus, destinada a manter a vida e torná-la produtiva, a Terra deve ser cuidada e preservada. Não devemos destruir, exaurir, poluir ou assolar a dádiva da boa Terra de Deus, pois quando Ele a criou, tornou-a muito boa, e recomenda que aqueles que foram criados à Sua imagem tratem bem à Terra.

Ter a imagem de Deus, portanto, significa ser um filho de Deus, e denota dependência, privilégio e obediência. Crer que fomos criados à imagem de Deus e conforme a Sua semelhança significa reconhecer nossa dependência de Sua Pessoa para termos vida, apreciar o privilégio de pertencer à Sua família e assumir as obrigações resultantes.

MINISTÉRIO

ADVENTISTA

Uma Revista para Pastores e Obreiros

JUL/AGO 83



NÚMERO 4